

THAÍS MAÍRA MACHADO DE SÁ

**DEFINIDOS FORTES E FRACOS:
UM ESTUDO SOBRE LIBRAS**

Belo Horizonte

2013

THAÍS MAÍRA MACHADO DE SÁ

**DEFINIDOS FORTES E FRACOS:
UM ESTUDO SOBRE LIBRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Linha 01 D: Linguística Teórica e Descritiva:
Processamento da Linguagem.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Luiza Cunha
Lima

Co-orientadora: Prof. Dra. Elidéa Lúcia
Almeida Bernardino

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2013

Agradecimentos

Pai, mãe, agradeço o apoio incondicional que vocês sempre me deram. Vocês que me ensinaram a indagar o funcionamento das coisas, a buscar respostas, a criar mais perguntas, a estudar, a buscar conhecimento.

Thiago, obrigada pela paciência, pelo companheirismo e pelo amor, que me deu energia extra para seguir em frente.

Maria Luiza, obrigada por sua enorme paciência e atenção comigo nesses quase sete anos de iniciação científica e mestrado. Obrigada por me aceitar mais quatro anos do seu lado. Você é grande responsável pela minha formação, não só acadêmica como também pessoal. Obrigada pelos conselhos, pelas correções, pelas instruções e pelos ensinamentos.

Cândido, Cíntia, Clôde, Lu, Alexandre, Jeff, Vanessa, Bruna, Angélica e todo o resto do Grupo de Psicolinguística, vocês são minha família nessa segunda casa que é a Faculdade de Letras. Obrigada pela troca de conhecimentos e pelo companheirismo nessa vida acadêmica. Obrigada pela companhia em almoços, em congressos, nos bate-papos no gabinete, laboratório, cantina...

Guilherme, muito obrigada pela ajuda, e que ajuda! Conseguiu os sujeitos, me ajudou na tradução e interpretação dos dados de produção, foi meu intérprete em várias outras situações. Sem você este trabalho não existiria.

Elidéa e Grupo de Libras, vocês foram essenciais na minha caminhada pelo caminho das línguas de sinais, um caminho totalmente desconhecido por mim até o início do mestrado. Sem suas traduções, interpretações, ajudas nas análises dos dados, dias de discussões sobre os dados encontrados e como a Libras faz isso ou aquilo, dicas de leituras, colos nos momentos de desespero... Sem vocês este trabalho não teria acontecido.

Agradeço também aos professores da Fale: aos de linguística, por me fazerem uma apaixonada, aos de literatura, por me mostrarem que sempre há outros horizontes.

Agradeço minha família de sangue e de coração, Clube da Lu, Rê, Dê, Caca, Cla, Dindinha, Tio Breno, pelo apoio, pela presença, pelo colo, por me ouvir em momentos de reclamação e

de felicidade. Incluo aqui meus amigos da Fale, que sempre me incentivaram a continuar nesse caminho de buscas.

Agradeço também a Capes- Reuni que me dá o apoio financeiro em troca do exercício das profissões que amo: ensino e pesquisa.

Resumo

Este trabalho busca demonstrar diferenças morfossintáticas entre definidos fracos e fortes em Língua Brasileira de Sinais (Libras) tanto no âmbito da compreensão quanto na produção. O sintagma nominal (NP) determinado por um artigo definido tradicionalmente é visto como unicamente identificável (Russel, 1905; Strawson, 1950; Roberts, 2003) e familiar (Heim, 1982). Contudo, Carlson e Sussman (2005) demonstraram que há uma distinção entre NPs *definidos fracos* (não-unicamente identificáveis) e *definidos fortes* (unicamente identificáveis). Sentenças como (a) “Maria deixa *a janela* aberta quando viaja. Pedro também deixa *a janela* aberta quando viaja” apresentam a expressão definida *a janela* que não é unicamente identificável. Por não instanciarmos um único referente no mundo para a expressão, ela seria um exemplo de *definido fraco*. Além disso, a correferência não é necessária. Já a sentença (b) “Maria quebrou *a janela*. Pedro mandou consertar *a janela*.” tem um único referente para a expressão *a janela*, que seria um exemplo de *definido forte*. Além disso, a correferencialidade é necessária. Como não há distinções morfossintáticas para tal fenômeno semântico em diversas línguas orais como português, inglês, francês, procuramos evidenciar tais diferenças em Libras. Por serem línguas de diferente modalidade, sendo espaço-visuais, as línguas de sinais são um bom campo para investigações semânticas. Realizamos dois experimentos: um de produção e um de compreensão. No primeiro, os sujeitos deveriam recontar vídeos que continham as duas condições (fraca e forte) em Libras. Os sujeitos realizaram a tarefa, delimitando espaços de sinalização diferentes para as condições. Os definidos fracos foram produzidos em um espaço que chamamos de neutro, logo a frente do falante. Os definidos fortes foram produzidos em espaços que chamamos de determinados, à direita e à esquerda do falante. Após encontrar tal diferença, resolvemos testá-la no âmbito da compreensão. Assim, os sujeitos assistiam a vídeos com sentenças em que as condições eram produzidas em espaços determinados ou neutros e deveriam associar imagens às sentenças (experimento inspirado no de Klein et al, 2009). Duas imagens de uma mesma palavra alvo eram fornecidas e na condição fraca, os sujeitos tiveram uma tendência a atribuir duas imagens, enquanto na forte eles atribuíam uma única imagem, demonstrando que o que diverge entre as condições é ser unicamente identificável. Assim, encontramos diferenças morfossintáticas tanto na produção quanto na compreensão dos falantes de Libras para definidos fracos e fortes, corroborando a hipótese de Carlson e Sussman (2005).

Palavras chave: definitude; Libras; definido fraco.

Abstract

This work intends to demonstrate morphosyntactic differences between weak and strong definites in Brazilian Sign Language (Libras) both within the scope of comprehension and production. The nominal phrase (NP) determined by a definite article traditionally is seen as uniquely identifiable (Russel, 1905; Strawson, 1950; Roberts, 2003) and familiar (Heim, 1982). However Carlson and Sussman (2005) show that there is a distinction between weak definite (non-uniquely identifiable) and strong definite (uniquely identifiable) nominal phrases. Sentences as: (a) “Mary lets *the window* open when she travels. Peter also lets *the window* open when he travels.” present the definite expression *the window* which is non-uniquely identifiable. Once we do not instantiate an unique reference in the world for the expression, it would be an example of *weak definite*. Moreover, the co-reference is not necessary. The sentence (b) “Mary broke *the window*. Peter had *the window* fixed.”, however, has an unique reference for the expression *the window*, which would represent a strong definite. Besides, the co-reference is necessary. Since there are not morphosyntactic distinctions for such semantic phenomena in several oral languages, as Portuguese, English and French, we sought to highlight such differences in Libras. Because the sign languages belong to a different modality, being space-visual, they pose themselves as a great field for semantic investigations. We performed two experiments: one based on production and other on comprehension. At the first experiment the subjects should retell scenes containing both conditions (weak and strong definites) in Libras. The subjects accomplished the task by delimiting different signing spaces for the two conditions. The weak definites were produced in a space that we refer as neutral, just in front of the speaker. The strong definites were produced in spaces that we refer as determined, at the right or left of the speaker. After detecting such difference, we decided to test it in the scope of comprehension: the subjects watched to videos with sentences in which the conditions were produced in determined or neutral spaces and then they should assign images to those sentences (experiment inspired by Klein *et al*, 2009). In this experiment two images of a same target word were provided to the subjects, at the weak condition the subjects tended to assign two images for the words, while at the strong condition they assigned a single image, demonstrating that what diverges between the two conditions is to be uniquely identifiable or not. Thus, we encountered morphosyntactic differences both in production and comprehension of the Brazilian sign language speakers for weak and strong definites validating the hypothesis of Carlson and Sussman (2005).

Keywords: definiteness; Libras; weak definites.

Sumário

Introdução	1
1. A referência e o definido.....	5
1.1 O que é referência?	5
1.2 A referência definida e a referência genérica	11
1.3 Definidos fracos e fortes	13
1.3.1 Evidências experimentais da distinção entre fracos e fortes em línguas orais.....	19
1.4. Visões críticas à distinção definido forte e fracos	30
2. A língua brasileira de sinais (Libras).....	34
2.1 Alguns parâmetros linguísticos da Libras	34
2.2 A referência em línguas de sinais	38
2.2.1 Mecanismos de referência	39
2.2.2 Processos de referência	42
3. Experimento de Produção	47
3.1 Objetivos	47
3.2 Materiais.....	47
3.3 Sujeitos.....	51
3.4 Procedimentos	52
3.5 Resultados	54
3.6 Discussão	59
4. Experimento de Compreensão	60
4.1 Objetivos	60
4.2 Materiais.....	61
4.3 Sujeitos.....	62
4.4 Procedimentos	63
4.5 Resultados	65
4.6 Discussão	68
5. Discussão Geral.....	69
Referências Bibliográficas	72
Apêndice.....	76
Anexo 01 – Listas de sentenças do experimento de completção	76
Anexo 02 - Lista de sentenças do experimento de produção traduzidas para o português.	81
Anexo 03 – Lista de sentenças do experimento de compreensão traduzidas para o português.....	85

Introdução

Esta dissertação tem por objetivo descrever o funcionamento, especificamente a estrutura morfossintática, de sintagmas nominais definidos fracos e fortes em língua de sinais brasileira (Libras). Nossa hipótese é que Libras apresente distinção morfossintática entre definidos fracos e fortes. Para entendermos a distinção entre sintagmas nominais definidos fracos e fortes, imaginemos uma situação na qual o dia está muito quente e você está em uma sala com cinco janelas fechadas e você diz (1).

(1) Abra *a janela*, por favor?

É possível definir um único referente entre as cinco janelas da sala? Provavelmente não. O interlocutor da sentença (1) poderá abrir qualquer uma, ou até mais de uma, das cinco janelas fechadas e, para que ele entendesse a sentença, não houve necessidade de especificar um único referente para a expressão *a janela*.

Agora imagine que ao invés de (1), a sentença (2) foi dita:

(2) Não abra *a janela*, está quebrada!

Em (2), há a necessidade de se definir *a janela*. Seu interlocutor precisa saber qual é a janela quebrada para entender a referência. Podemos perceber que a morfossintaxe da expressão nominal *a janela* é idêntica em (1) e (2), contudo a semântica das expressões não é a mesma.

Carlson e Sussman (2005) descreveram essas ocorrências semanticamente diferentes de sintagmas nominais (NP¹) determinados por um artigo definido. Os autores propuseram que o NP definido que não apresenta um referente unicamente identificável no discurso, ou seja, não apresenta unicidade, como *a janela* em (1), seria o *definido fraco*. O NP definido que apresenta um referente unicamente identificável, apresentando a propriedade da unicidade, como *a janela* em (2), seria o *definido forte*.

Como observamos em (1) e (2), o definido fraco e o forte em português, como em outras línguas orais, apresentam a mesma morfossintaxe: seu sintagma é constituído de um artigo definido e um substantivo. Contudo, há visões contrárias a dos autores que não

¹ A escolha de NP se deve ao nome em inglês *Nominal Phrase*, que é mais utilizado na literatura linguística.

acreditam na existência dos fracos. Diferenças morfossintáticas poderiam ajudar a elucidar tais diferenças semânticas.

Neste trabalho, buscamos encontrar diferenças que fossem além das diferenças de interpretação semântica entre definidos fracos e fortes. Nossa investigação é relevante em um cenário em que várias teorias de definitude disputam qual seria o sentido do artigo definido na expressão nominal definida (cf. Russell, 1905; Strawson, 1950; Donnellan, 1966; Heim, 1982; Roberts, 2003; Carlson e Sussman, 2005; Aguilar-Guevara e Zwart, 2010; Schawrz, no prelo). Ao encontrarmos distinções morfossintáticas que ressaltem a distinção semântica entre expressões que apresentam a leitura forte e as que apresentam a leitura fraca, podemos ajudar a encontrar pistas que iluminem qual seria o papel do artigo definido no NP definido.

A revisão bibliográfica desse embate entre teorias semânticas que indagam o sentido do artigo definido é realizada no primeiro capítulo desta dissertação. Na primeira seção discutimos teorias sobre referência, que a partir de Russell (1905), começaram a investigar o papel do artigo definido na denotação do referente. Na seção 1.2, tratamos da referência definida e da referência genérica. O contraste entre fracos e fortes pela falta de unicidade dos fracos, apontado por Carlson e Sussman (2005), é desenvolvido na seção 1.3 que apresenta uma subseção com dados experimentais que evidenciam tal distinção. O capítulo 1 é fechado pelos debates propostos por Aguilar-Guevara e Zwart (2010) e Schawrz (no prelo) que propõem outras leituras para o definido fraco.

Nossa investigação foi realizada em Língua de Sinais Brasileira (Libras), na qual procuramos por diferenças morfossintáticas entre o fraco e o forte na produção e na compreensão de tais sintagmas. No capítulo dois, apresentamos uma breve discussão sobre a Libras e realizamos uma descrição do que se sabe sobre a referência em línguas de sinais.

As línguas de sinais apresentam uma modalidade diferente das línguas orais, uma vez que se expressa espaço-visualmente. Como veremos na seção 2.1, alguns parâmetros linguísticos das línguas de sinais diferem das línguas orais. Enquanto as palavras apresentam em sua morfologia radicais, afixos e desinências veiculados por sons, os sinais contêm configuração de mão, ponto de articulação e outros morfofonemas. Entender alguns parâmetros das línguas de sinais nos ajudará a compreender a referência em línguas de sinais, descrita na seção 2.2. Tal seção foi dividida nos mecanismos (subseção 2.2.1), ou seja, nos recursos linguísticos utilizados para a introdução/retomada do referente e nos processos que tais mecanismos são envolvidos (subseção 2.2.2).

Para investigar como a Libras expressa os fracos e os fortes, dois experimentos psicolinguísticos foram realizados: um experimento de produção e um de compreensão.² O experimento de produção, descrito no capítulo 3, foi escolhido por nos permitir elicitare a produção controlada de definidos fortes e fracos em Libras e investigar a existência de possíveis diferenças morfossintáticas que essa língua possa apresentar na produção referencial.

A partir de estímulos em Libras, observamos como sujeitos surdos proficientes na língua de sinais produziam os definidos fracos e fortes. Como veremos no capítulo 1, seção 1.3, ao apresentarmos um par de sentenças em que o NP definido é forte, como (3), há necessidade que *a porta* seja a mesma em ambas as sentenças, o que não acontece com os definidos fracos. Ao observamos (4), percebemos que não há necessidade de correferência entre os NPs definidos *a porta* da primeira e na segunda sentença.

(3) João mandou Maria pintar *a porta*. Maria pintou *a porta* de vermelho.

(4) João sempre tranca *a porta* antes de sair. Maria checa *a porta* muitas vezes antes de sair.

A Libras apresenta formas particulares de marcar a anáfora, como veremos no capítulo 2, seção 2.2. Partimos da hipótese de que os sujeitos sinalizariam de maneiras diferentes tais definidos, baseada principalmente na questão correferencial. Baseadas na descrição sobre a correferência em língua de sinais, procuramos evidências que diferenciasssem a sinalização de NPs definidos fracos em relação a fortes.

A partir das diferenças morfossintáticas encontradas no experimento de produção, realizamos o experimento de compreensão, descrito no capítulo 4. Dessa vez, os sujeitos não criariam as sentenças, mas deveriam realizar uma tarefa que demonstrava o que eles haviam compreendido sobre os estímulos. A hipótese era que fracos e fortes apresentam compreensão diferenciada em relação à unicidade e à correferencialidade, baseada em um experimento de Klein et al (2009), descrito no capítulo 1, subseção 1.3.1.

Por fim, no capítulo 5, discutimos os dados obtidos nos dois experimentos, pensando como as evidências encontradas relacionam-se com de definitude. Além dessa discussão,

² Tais experimentos deram origem a dois artigos. O primeiro, *Definiteness In Brazilian Sign Language: A Study On Weak And Strong Definites*, foi publicado na ReVEL e relata os achados no experimento de produção. O segundo, *Weak And Strong Definites In Brazilian Sign Language: An Experimental Approach*, submetido para publicação, relata os resultados do experimento de compreensão.

refletimos sobre as contribuições que esta dissertação traz para estudos em Libras e outras línguas de sinais e sinalizamos alguns estudos futuros que possam surgir a partir dos dados aqui encontrados.

1. A referência e o definido

1.1 O que é referência?

A referência pode ser definida como a operação linguística pela qual é possível apontar para entidades do mundo dentro do discurso. A referência é um problema clássico, fundamental na teoria semântica, com teorias alternativas e que pode ser apreendida por meio de diferentes abordagens (c.f. Chierchia, 2003; Abbot, 2010). Frege (1978), filósofo da linguagem, apresentou uma abordagem em que para se chegar ao significado de uma sentença deveríamos distinguir referência e sentido.

Para o autor, o sentido seria o modo de apresentar a referência, o conceito associado à expressão (c.f. Caçado, 2005; Chierchia, 2003). Frege (1978:62) traz como exemplos de sentido as expressões “Estrela da manhã” e “Estrela da tarde”, em que teríamos a mesma referência (Vênus), mas dois diferentes sentidos, duas diferentes formas de expressar tal referência. Assim, a referência seria o objeto que designamos por meio do sentido.

O princípio da composicionalidade, para o filósofo, é que seria o responsável pelo estudo do significado das sentenças. De acordo com esse princípio, o significado das sentenças estaria nas partes das sentenças e na estrutura sintática que une essas partes. Assim, como Abbot (2010:19) afirma:

Como Frege defende dois níveis de significado – sentido e referência – para ele a composicionalidade é um princípio de dois níveis. O sentido da sentença é determinado pelos sentidos das partes (mais a sintaxe) e a referência é determinada pelos referentes das partes (mais a sintaxe).³

Para se chegar ao significado de uma sentença, o autor propõe que devemos chegar às condições em que a sentença seja verdadeira. Frege propõe uma análise composicional para que as condições de verdade sejam avaliadas, em que se devem avaliar as partes da sentença.

³ Original em inglês: Since Frege was arguing for two levels of meaning – sense and reference – for him compositionality is two-level principle. The sense of a sentence is determined by the senses of this parts (plus syntax), and the reference is determined by the referents of the parts (plus syntax). Todas as traduções aqui presentes foram realizadas pela autora deste trabalho.

Cada sentido teria uma parte do valor de verdade da sentença e, para se chegar a este valor de verdade, é necessário delimitar a referência, saber sobre qual objeto se fala.

Dessa forma, admitimos aqui que a referência de uma sentença nos permite avaliar suas condições de verdade, o que nos permite alcançar seu significado. Precisamos saber a relação estabelecida entre a expressão nominal *a janela* e seu referente no mundo para chegarmos ao significado de (2).

(2) Não abra *a janela*, está quebrada!

A leitura composicional é robusta e apresenta dados importantes para o significado da sentença. Em sua análise, Frege objetiva um tratamento lógico e, por isso, como afirma Oliveira (2001:100), “(...) Frege se compromete com a existência de um mundo real (...)”. O filósofo da linguagem afirma que personagens fictícios, criados pelo mundo da imaginação, não existem e, por isso, não podemos estabelecer as condições de verdade de sentenças como (6), abaixo. Para o autor, como não existe um rei da França, não poderíamos afirmar se a sentença (6) é verdadeira ou falsa.

(5) O atual rei da França é calvo.

(6a) O atual rei da França -> não existe

A visão de Frege provocou discussões sobre qual seria o papel dos determinantes no NP, principalmente qual seria o papel do artigo definido. Os protótipos da definitude e da indefinitude em inglês são, respectivamente, o artigo definido *the* e o artigo indefinido *a/an* e o sintagma nominal (NP) singular determinado por eles (c.f. Abbott, 2004) Em português, os correspondentes são *o/a, um/uma*.

Bertrand Russell, no seu clássico trabalho “On Denoting” (1905), propõe uma das primeiras teorias sobre definitude tentando demonstrar que é possível avaliar o valor de verdade de sentenças como em (6). Russell acreditava que as sentenças deveriam ser sempre

falsas ou verdadeiras e que os determinantes deveriam ser analisados para se saber as condições de verdade das sentenças, como afirma Cunha-Lima (2004):

Bertrand Russell propõe-se a explicar o papel que expressões denotadoras (*denoting phrases*) desempenham na determinação do valor de verdade das proposições que as contêm. Russell chama de denotadoras todas as expressões como: *um homem, todo homem, algum homem, o atual Rei da França, o centro do sistema solar no primeiro instante do século XX*.

O artigo *On Denoting* explora principalmente os NP determinados por artigos definidos, que denotariam um objeto definido, sendo caracterizados pelo o que o autor chama de *unicidade (uniqueness)*. Russell afirma que a quantificação do sintagma nominal *the X* (x sendo qualquer expressão nominal) requer a existência de uma e somente uma entidade no mundo que seria a referência para a expressão *x*. Um dos exemplos de Russell é o sintagma nominal (7), que denota um homem único no discurso. Já em (8), o NP determinado por um artigo indefinido não denotaria um único homem, mas um homem ambíguo no discurso. Russell (1905: 479) ⁴:

(7) O presente rei da Inglaterra.

(8) Um homem.

Assim, Russell propõe uma leitura de existência para o NP definido, que podemos traduzir como $\exists x[\text{rei da Inglaterra}(x)]$. Dessa forma, o valor de verdade da sentença também deveria ser dado composicionalmente, mas compreendendo a análise da existência dos termos da sentença. Para avaliarmos se (6) é verdadeira, devemos traduzir a sentença para sua forma lógica e avaliar o valor de verdade de suas partes.

(6) O rei da França é calvo.

(6a) $\exists x[\text{rei}(x, \text{França}) \ \& \ \forall y[\text{rei}(y, \text{França}) \rightarrow y = x] \ \& \ \text{calvo}(x)]$

⁴ Originalmente, em inglês: Russell(1905: 479):

(1) The present King of England.

(2) A man.

(6b) $\exists x[\text{rei}(x, \text{França}) \ \& \ \forall y[\text{rei}(y, \text{França}) \rightarrow y = x]] \rightarrow \text{é falso, pois}$
 $\sim \exists x[\text{rei}(x, \text{França}) \ \& \ \forall y[\text{rei}(y, \text{França}) \rightarrow y = x]]$

Como demonstrado em (6b), não existe o atual rei da França e por isso, para Russell, (6) é uma sentença falsa.

Mais tarde, Strawson (1950) discute a perspectiva denotacional de Russell. Em seu artigo *On Referring*, o autor defende que a análise do valor de verdade deveria incorporar o uso da proposição, levando em consideração uma visão mais pragmática; ao contrário de Russell que atribui o valor de verdade sem levar em consideração o uso da sentença. Dessa forma, (6) para Strawson poderia ser verdadeira se fosse dita em um momento em que existisse um rei da França e ele fosse calvo.

Apesar de discordarem em relação a como o valor de verdade da sentença deve ser analisado, tanto para Russell quanto para Strawson, o NP definido denota um único referente. Strawson (1950: 320) afirma que o sintagma nominal definido é utilizado para “mencionar ou referir a uma pessoa individual ou objeto singular ou evento particular ou lugar ou processo”⁵. Ele nomeia o uso da expressão definida como “uso de referência única”⁶.

Donnellan (1966; apud Cunha Lima, 2004:114-117 & Abbott, 2010:140-152) discorda das visões de Russell e Strawson, pois para ele as expressões definidas apresentam uma ambiguidade estrutural, que não foi levada em consideração por aqueles autores.

A sentença (9), exemplo clássico utilizado Donnellan, nos permite perceber a ambiguidade. Imagine que ao encontrar Smith brutalmente morto, alguém diga (9). Em tal situação, não se sabe quem assassinou Smith, nem se quer fazer referência a um indivíduo particular, mas a qualquer indivíduo que seja o assassino de Smith. O autor denominou esse uso do NP definido de atributivo.

(9) O assassino de Smith é louco.

⁵ Originalmente, em inglês: “mention or refer to some individual person or single object or particular event or place or process”

⁶ Originalmente, em inglês: “uniquely referring use”

Há ainda outra leitura para (9), em que o assassino de Smith é conhecido por Jones. Imagine que ao ser levado a julgamento, Jones demonstra um comportamento desequilibrado e alguém diga (9). O uso do NP definido, nessa situação, seria referencial, pois o falante está fazendo referência especificamente a Jones. Mesmo se Jones for inocente, se o interlocutor identificar que o referente de assassino de Smith é Jones, o ato referencial é bem sucedido.

Como Cunha Lima (2004:116) afirma, tal distinção é importante, pois precisamos perceber se a função do NP definido é referencial ou não antes de discutirmos seu significado:

Aqui, o mais importante em relação a essa distinção é que, nos termos em que Donnellan a propôs, ela reforça a importância do contexto e dos conhecimentos e crenças partilhadas para a correta interpretação de uma sentença. (...) Donnellan, por sua vez, afirma que as descrições definidas são usadas para mais coisas do que somente referir. Para entender o papel desempenhado por uma certa descrição numa sentença é preciso, primeiro, estabelecer se ela está sendo usada em função referencial (...).

Heim (1982) apresenta em sua tese intitulada *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases* uma diferente propriedade dos NPs definidos: a *familiaridade*. A autora afirma que o artigo definido marca referentes familiares no discurso. Assim, o artigo definido marcaria algo que está na memória compartilhada entre ouvinte e falante, seria algo familiar, anafórico.

Há uma disputa se a familiaridade de Heim seria a principal característica dos definidos ou se seria a unicidade de Russell (1905). Um estudo atual que afirma que a unicidade permanece como característica principal do NP definido é o de Roberts (2003). Craig Roberts defende que é a unicidade quem evoca a familiaridade. Para tal, a autora distingue dois tipos de familiaridade: a forte e a fraca. A familiaridade forte é a anafórica, correferencial. Já a fraca seria uma familiaridade que poderia ser acessada de várias maneiras, pode ser algo que é familiar por haver um contexto comum entre os falantes ou até mesmo um contexto nacional ou mundial que permita tal familiaridade. Ambas as familiaridades só seriam acessadas se o único referente do discurso a quem o NP definido denota for identificado.

Assim como Roberts (2003) questiona a familiaridade de Heim ser a principal propriedade do NP definido, a unicidade também desperta calorosos debates na literatura semântica. Carlson e Sussman (2005) defendem que nem sempre os definidos são unicamente identificáveis, apresentando como principal característica a unicidade. Para os autores, há uma distinção entre os definidos fortes e os definidos fracos. É a partir da perspectiva de Carlson e Sussman (2005) que este trabalho foi desenvolvido. Os conceitos de fraco e forte são explorados na seção 1.3. Na próxima seção, faremos um breve comentário sobre os outros tipos de referência.

1.2 A referência definida e a referência genérica

Como vimos na seção 1.1, uma das discussões centrais sobre a referência é relacionada à interpretação adequada do NP definido. Como Chierchia (2003) afirma, a tradição da filosofia da linguagem e a linguística defendem que o NP definido seria essencialmente denotacional, referencial. Assim, ao introduzirmos o nome (N) por um artigo definido, seria obrigatória a identificação do referente de N, como o autor afirma (2003: 106 e 107):

(...) para se poder usar propriamente o artigo definido singular é necessário que, no contexto de emissão, haja (ou que tenha realce) um único membro da classe denotada pelo nome comum. Sem isso a sentença fica ininterpretável (...). Isto naturalmente não quer dizer que deve haver um único membro da classe N no mundo. Mas, evidentemente com a ajuda do contexto linguístico e extralinguístico, podemos tornar saliente um membro da classe dos Ns e restringir a denotação a esse indivíduo. Há muita discussão sobre como isso acontece exatamente, mas está bem claro que se trata de alguma coisa desse tipo.

A referência singular definida, como discutido, pode ser introduzida por um NP definido. Diferentes expressões linguísticas podem se referir a diferentes tipos de categorias (c.f. Cançado, 2005: 79-80). Outras NPs podem apresentar a propriedade de unicidade e definitude. Um exemplo é o dos nomes próprios, que costumam se referir a um indivíduo. Observemos em (10), abaixo, o nome próprio *Michael Jackson* referindo a um único indivíduo no mundo.

(10) *Michael Jackson* morreu em 2009.

Os pronomes pessoais, quando dêiticos, também se referem a um único indivíduo no mundo, como em (11). O pronome *eu* na sentença (11) aponta para o locutor da sentença.

(11) Eu estudo Libras.

Assim, nomes próprios, NPs definidos e pronomes pessoais apresentariam a propriedade da unicidade, defendida por Russell (1905), Strawson (1950), Roberts (2003), entre outros.

O artigo definido pode determinar ainda referentes genéricos. Carlson (2006) defende que a referência genérica acontece quando um sintagma nominal tem como referente um tipo ou uma pluralidade de indivíduos de um mesmo tipo. Tanto em inglês quanto em português, o sintagma nominal genérico pode ser expresso pela palavra tipo, como no exemplo (12), abaixo, do próprio autor⁷.

(12) *Este tipo de animal* hiberna no inverno.⁸

É perceptível que ‘*este tipo de animal*’ em (12) se refere a uma classe e não a um único objeto. Também em ambas as línguas o genérico pode ser expresso por plural sem determinante, como percebemos em (13), abaixo, em que não se trata de um único avião no mundo, mas de algo mais geral.

(13) *Aviões* fizeram da viagem intercontinental um evento comum.⁹

Expressões sem determinante, como em (14), abaixo, também são formas do genérico.

(14) *Baleia* é um mamífero.

Um determinante indefinido, como em (15), a seguir, também pode ser utilizado para determinar um nome genérico, tanto em português quanto em inglês.

(15) *Um triângulo* tem três lados.¹⁰

Por fim, os definidos também podem ser determinantes de um sintagma com referência genérica, como podemos observar no exemplo (16), abaixo, em que ‘*O computador*’ representa uma classe, não um objeto unicamente identificável.

(16) *O computador* mudou a sociedade de diversas maneiras.¹¹

Ao falarmos que a referência genérica se refere a um tipo, ou a uma pluralidade de indivíduos do mesmo tipo, podemos afirmar que há unicidade na referência genérica, pois o referente é um único conjunto, ou seja, um conjunto que expressa a totalidade dos indivíduos.

⁷ Os exemplos (12), (13), (15) e (16) foram retirados de Carlson (2006).

⁸ Original: *This kind of animal* hibernates in the winter.

⁹ Original: *Airplanes* have made intercontinental travel a common event.

¹⁰ Original: *A triangle* has three sides.

¹¹ Original: *The computer* has changed society in many ways.

1.3 Definidos fracos e fortes

Ao contrário do que observamos na literatura linguística, como vimos na seção 1.1, Carlson e Sussman (2005) sugerem que nem todos os definidos apresentam unicidade e, por isso, os definidos devem ser distinguidos entre *fracos* e *fortes*. Os definidos fortes apresentariam a propriedade da unicidade, apresentando um único referente no discurso. Os definidos fracos não teriam um referente unicamente identificável, não possuiriam a propriedade da unicidade. Os autores exemplificam com as sentenças em (17) e (18) abaixo¹²:

(17) a. Maria foi para *o mercado*.

b. Eu vou ler *o jornal* quando chegar em casa.

c. Abra *a janela*, por favor?

d. Fred escutou Red Sox *no rádio*.

(18) a. Maria foi para *a mesa*.

b. Eu vou ler *o livro* quando chegar em casa.

c. Abra *a jaula*, por favor?

d. Fred escutou Red Sox com *os fones de ouvido*.

¹² Os exemplos foram extraídos de Carlson e Sussman (2005:27), originalmente, em inglês:

(17) a. Mary went to *the store*.

b. I'll read *the newspaper* when I get home.

c. Open *the window*, will you please?

d. Fred listened to the Red Sox *on the radio*.

(18) a. Mary went to *the desk*.

b. I'll read *the book* when I get home.

c. Open *the cage*, will you please?

d. Fred listened to the Red Sox over *the headphones*.

Os autores chamam atenção para as diferenças entre as referências das sentenças em (17) e das sentenças em (18). Em (18), os NPs definidos (em itálico) denotam um único, específico referente, a referência é forte. Já em (17), os NPs definidos (também em itálico) são fracos, não apresentando unicidade; eles não precisam ser unicamente identificáveis para que a sentença seja compreendida.

É interessante observar que o sintagma nominal definido pode ser forte ou fraco em português, inglês, francês, como nos exemplos (19) e (20), abaixo, de Beyssade (2012)¹³, sem apresentar mudanças morfossintáticas.

(19) Jean aime les animaux domestiques. Il a un chien et deux chats. *Le chien*, c'est un setter irlandais, qui s'appelle Flash.

(20) Jean est venu par *le train*: il a dû changer deux fois, à Paris puis à Rennes.

Em (19), o cachorro é utilizado anaforicamente, retomando com um único referente no discurso, sendo um definido forte. Já em (20) temos *o trem* como um exemplo de definido fraco, não unicamente identificável.

Contudo, nem sempre uma palavra que apresenta a leitura fraca em uma língua, apresentará a mesma leitura em outra. Durante o congresso *(IN) DEFINITES AND WEAK REFERENCE*, realizado em agosto de 2012 pela UFSC, Carlson apresentou, em uma palestra, padrões sobre os tipos de substantivos que recebiam a leitura fraca. O autor afirmou que os nomes definidos fracos fazem parte de algumas categorias específicas em inglês¹⁴, traduzidas abaixo. Tais categorias sugeririam que definidos fracos apresentam traços conceituais comuns.

¹³ Tradução: a. João ama os animais domésticos. Ele tem um cachorro e dois gatos. *O cachorro* é um setter irlandês que se chama Flash.

b. João veio *do trem*: ele teve que mudar duas vezes, uma em Paris e outra em Rennes. (Em português, não utilizaríamos o artigo “o” no PP “de trem”.)

¹⁴ Originalmente em inglês:

- Mass transportation: e.g. bus, train, subway (but not airplane)
- Mass communication: e.g. radio, newspaper, news, calendar, phone (but not book)
- Service destination: e.g. hospital, doctor, movies, store, bank, bathroom (but not stadium)
- Chore / routine / hobby nouns: e.g. dog, piano, dishes, trash, lawn (but not exercise)
- Body and building parts: e.g. knee, eye, window, stairs, wall (but not bone)

- Transporte coletivo: ônibus, trem, metrô (mas não avião¹⁵)
- Meios de comunicação: rádio, jornal, notícias, calendário, telefone (mas não livro)
- Serviços: hospital, médico, cinema, loja, banco, banheiro (mas não estádio)
- Tarefa / rotina / substantivos de hobby: cachorro, piano, vasilha, lixo, gramado (mas não exercício)
- Partes do corpo e de construções: joelho, olho, janela, escada, parede (mas não osso)

É interessante observar que em português, quando estão determinados pelo artigo definido, os substantivos relativos a transporte coletivo não aparentam apresentar a leitura fraca. Um exemplo é o item lexical trem. Se observarmos o exemplo (21) em francês e em português (22), percebemos que em português, ao determinarmos o NP, a leitura é obrigatoriamente forte, deixando a sentença sem sentido.

(21) Jean est venu par *le train*: il a dû changer deux fois, à Paris puis à Rennes.

(22) * João veio *do trem*: ele teve que mudar duas vezes, uma em Paris e outra em Rennes.

Dessa forma, uma lista de palavras não é suficiente para se saber se o substantivo recebe ou não a leitura fraca em português, ou no nosso caso em Libras. Por isso, para verificar se há a leitura fraca, Carlson e Sussman (2005) e Carlson et al. (2006), propõem alguns testes baseados na manipulação das sentenças e dos contextos. Tais contextos tornam possível avaliar se um NP definido apresenta ou não a propriedade da unicidade e revelam algumas características do definido fraco. O primeiro teste do definido fraco é relacionado ao fato de que tais definidos só ocorrem com alguns nomes, com itens lexicais específicos. Comparemos os exemplos (23a) e (23b):

(23) a. Maria foi *ao banheiro*.

¹⁵ Como veremos a seguir, não parece que os transportes coletivos possam ser definidos fracos em português.

b. Maria foi *ao auditório*.

O *auditório* de (23b) se refere a um lugar específico, enquanto em (23a) *o banheiro* não precisa ter seu referente unicamente identificado para que a sentença faça sentido. Apesar do item lexical *banheiro* receber uma leitura fraca em (23a), nem sempre isso ocorrerá; itens lexicais específicos que recebem uma interpretação fraca (24a), quando modificados, como no contraste em (24b), apresentam uma leitura forte:

(24) a. Maria foi *ao banheiro*.

b. Maria foi *ao banheiro dos professores*.

Em (24b), o *banheiro* apresenta uma leitura forte, sendo necessário que o item lexical seja unicamente identificável.

Quando fortes, os itens lexicais apresentam uma identidade particular, em (25), *o auditório* e *a lata*, enquanto quando fracos, os itens lexicais têm uma identidade não-específica, em (21), *o banheiro* e *a janela*:

(25) a. Maria foi *ao banheiro* vs. *ao auditório*.

b. Por favor, abra *a janela* vs. *a lata*.

Outra propriedade do definido fraco é seu enriquecimento semântico dado à possibilidade de mais de um referente. O enriquecimento semântico são as várias possibilidades de leitura que o substantivo apresenta. Observemos o exemplo (26a) em contraste com o (26b):

(26) a. João soube da notícia *no jornal*.

b. João rasgou *o jornal*.

Em (26a), *o jornal* apresenta várias leituras, podendo ser um jornal impresso, televisionado, transmitido por rádio, digital, entre outros. Já em (26b), não observamos o mesmo enriquecimento semântico, pois *o jornal* necessita de um único sentido para que a sentença seja compreendida, um jornal impresso. O enriquecimento semântico dos fracos se mantém mesmo com quantificadores, (27):

(27) Cada vítima do incêndio foi levada para o hospital. (João ao Hospital Belo Horizonte, Pedro ao Hospital Mater Dei, Maria ao Hospital Socor)

Outra característica dos definidos fracos é que eles não ocorrem usualmente na posição de sujeito. Ao utilizarmos itens lexicais que podem receber a leitura fraca na posição sintática de sujeito da oração, os mesmos itens não costumam ser definidos fracos, como podemos observar em (28a) e (28b):

(28) a. *O banheiro* estava alagado.

b. *A janela* tem um adesivo.

Como podemos observar nas sentenças de (28), *o banheiro* e *a janela* necessitam ter um único referente identificado para que seu significado seja compreendido. A leitura de ambas as sentenças é forte, na qual se mantém a unicidade.

Carlson et al. (2006) afirmam que raras vezes a leitura fraca é mantida na posição de sujeito, como na sentença (29) em que *o hospital* não necessita de um único referente. Os motivos para a permanência da leitura fraca em tais ocasiões não é discutida pelos autores e as ocasiões não são delimitadas ou definidas.

(29) *O hospital* é onde você deve ir quando está muito doente¹⁶.

Acreditamos que, quando em posição de sujeito, a leitura não é fraca, mas sim genérica. Ao dizermos (29), nos parece que *o hospital* não se refere a um lugar, mas a um

¹⁶ O exemplo original dos autores é “The hospital is where you should go when very ill.”

tipo de lugar, apresentando uma leitura genérica. Na posição de objeto ou adjunto, como em (30), há a referência a um lugar, contudo este lugar não é unicamente identificável, apresentando a leitura fraca.

(30) João foi ao hospital.

Há ainda em (30) enriquecimento semântico, pois João pode ter ido ao hospital como paciente, médico, visitante. O mesmo não ocorre em (29), em que a possibilidade de se ir ao hospital é específica para se receber tratamento, ser paciente.

Um último teste que diferencia fracos e fortes é o da correferencialidade. Tal teste demonstra a possibilidade do NP definido funcionar como antecedente de uma expressão anafórica. O contraste se dá porque a leitura forte apresenta necessidade de correferência (31b) e (32b). A leitura fraca não precisa ser correferencial (31a) e (32a).

(31) a. Maria foi *ao banheiro* e João foi *ao banheiro*. (Diferentes banheiros, aceitável.)

b. Maria foi *ao auditório* e João foi *ao auditório*. (Precisa ser o mesmo auditório.)

(32) a. Maria foi *ao banheiro* e João também. (Diferentes banheiros, aceitável.)

b. Maria foi *ao auditório* e João também. (Precisa ser o mesmo auditório.)

Como observamos, os definidos fortes (31b, 32b) necessitam de uma leitura anafórica, de um mesmo referente. Os fracos (31a, 32a) podem apresentar referentes diferentes, mesmo em contexto elípticos, como em (32a). A propriedade de não ser necessária a correferência em contextos elípticos, tornando-os ambíguos, como na sentença (32a) é conhecida como identidade *sloppy*¹⁷.

¹⁷ A identidade *sloppy* foi descrita na literatura brasileira como ambiguidade de identidade estrita ou fajuta por Ilari (1981).

Utilizamos a correferencialidade necessária da leitura forte para construir nossos estímulos experimentais. Como veremos no capítulo 2, Libras é uma língua que apresenta diversos recursos para expressar a correferência, logo, acreditávamos ser possível que o definido forte anafórico fosse marcado de forma diferente do definido fraco. Para o experimento de produção (capítulo 3), tal característica nos permitiu observar a primeira e a segunda introdução da expressão nominal definida, percebendo se havia ou não a correferência. O mesmo foi observado no experimento de compreensão (capítulo 4), se os sujeitos compreendiam a expressão nominal definida como correferencial ou não.

Carlson e outros autores realizaram alguns experimentos explorando tanto a propriedade de poder aparecer numa cadeia correferencial, quanto outras características dos fracos. Portanto, existem evidências experimentais da distinção entre fracos e fortes, que traremos na subseção 1.3.1 a seguir, contudo, todos os experimentos foram realizados em línguas orais e foram baseados na compreensão do falante. Em nosso trabalho, além de explorarmos o âmbito da compreensão e da produção, investigamos uma língua de diferente modalidade, que apresenta visualmente seus mecanismos de referência.

1.3.1 Evidências experimentais da distinção entre fracos e fortes em línguas orais

No artigo *Seemingly Indefinite Definites* (Carlson e Sussman, 2005) e no *Weak Definite Noun Phrases* (Carlson et al., 2006), os autores reconhecem o fenômeno dos artigos definidos fracos e demonstram, a partir de metodologias experimentais e não experimentais, que tais artigos definidos funcionam de maneira diferente da prevista por Russell. Apresentamos a discussão eminentemente teórica no início desta seção. Nesta subseção, pretendemos demonstrar os dados experimentais dos autores que corroboram a principal característica dos fracos: a falta de unicidade.

No primeiro artigo, Carlson e Sussman (2005) realizam um experimento de compreensão em que os autores selecionaram seis palavras que poderiam apresentar a leitura

fraca em um determinado contexto e seis palavras que apresentavam a leitura forte no mesmo contexto. Em exemplo das sentenças criadas pelos autores é vista na Tabela 1, abaixo:

NP definido forte	NP definido fraco
After she finishes her breakfast, Lydia will read <i>the book</i> .	After she finishes her breakfast, Lydia will read <i>the newspaper</i> .
Após o café da manhã, Lydia vai ler <i>o livro</i> .	Após o café da manhã, Lydia vai ler <i>o jornal</i> .

Tabela 1 - Exemplo das sentenças criadas por Carlson e Sussman (2005:11) com tradução para o português.

Para cada sentença foi criado um cenário visual com um humano e três objetos correspondentes aos definidos fracos e fortes que integravam os estímulos. Como podemos observar na Figura 1, abaixo, dois objetos foram colocados bem próximos um do outro, enquanto o terceiro era colocado sozinho, longe dos outros objetos. Além dos objetos relacionados às condições fraca e forte, havia ainda três objetos distratores, que não eram mencionados na sentença. Na Figura 1, as bolas de futebol americano são os itens distratores e os livros e os jornais são os objetos relacionados às palavras-alvo: livro e jornal.



Figura 1 - Cenário e áudio dos experimentos. À esquerda, condição definido forte. À direita, condição definido fraco.

Fonte: Carlson e Sussman (2005:11)

Os sujeitos viam um cenário de cada vez em uma tela de computador enquanto ouviam a sentença na condição fraca ou forte, como as apresentadas na Tabela 1. Eles deveriam escolher qual objeto da cena que viam era o mais envolvido na ação que escutavam.

Enquanto participavam do experimento, os sujeitos utilizavam um rastreador ocular que monitorava seus movimentos oculares durante todo o procedimento¹⁸.

A hipótese era que as sentenças que continham definidos fortes, que têm unicidade, apresentariam uma grande tendência de serem associadas ao objeto sozinho. Já as sentenças que continham o definido fraco seriam pouco associadas ao objeto único.

Tal experimento rendeu dois resultados: a escolha do objeto e o movimento ocular. A escolha do objeto confirmou a hipótese dos autores: objetos em grupos foram mais associados à condição fraca, 61% das vezes, do que à condição forte, 17%, e os objetos sozinhos foram mais associados à condição forte, 66%, do que à condição fraca, 33%. O movimento ocular revelou algo similar. Durante a escuta da palavra-alvo na condição fraca, os sujeitos apresentaram uma maior tendência a olhar para o grupo de objetos do que quando ouviam a palavra-alvo na condição forte. Portanto, fracos e fortes se demonstraram duas classes semanticamente distintas de NPs definidos nesse experimento de Carlson e Sussman (2005).

Mesmo encontrando evidências favoráveis, Carlson, Sussman, Klein e Tanenhaus (2006), realizaram outro experimento com o rastreamento ocular. Para esse segundo experimento, os autores prepararam sentenças bem próximas às do experimento anterior, a diferença é que elas foram construídas em pares, realizando o teste na correferencialidade¹⁹ com ou sem elipse, como podemos ver no exemplo (Tabela 2), a seguir.

¹⁸ Para saber mais sobre estudos de rastreamento ocular e resolução de referência, procurar Tanenhaus et al (1995) e Runner et al. (2003).

¹⁹ Ver páginas 18-19.

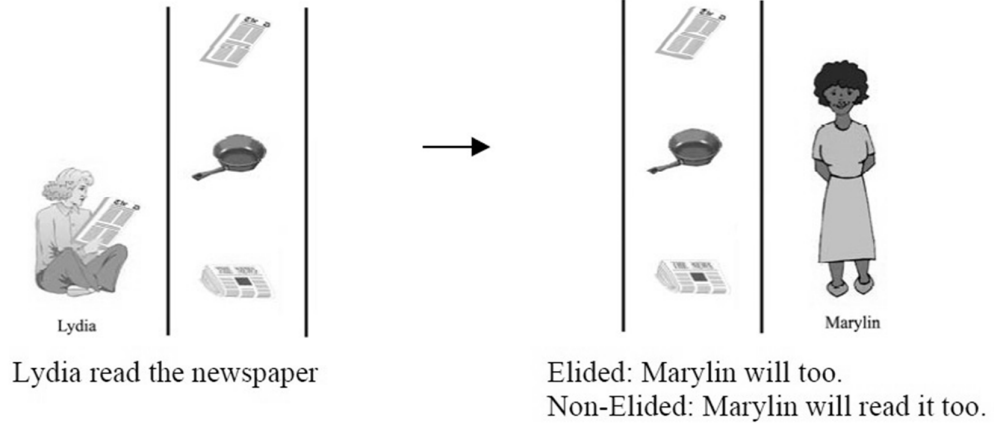
	Definido fraco	Definido forte
Com elipse	Lydia read <i>the newspaper</i> . Marilyn will too. Lydia lê <i>o jornal</i> . Marilyn também.	Katie read <i>the book</i> . Gillian will too. Lydia lê <i>o livro</i> . Marilyn também.
Sem elipse	Lydia read <i>the newspaper</i> . Marilyn will read it too. Lydia lê <i>o jornal</i> . Marilyn também vai lê-lo.	Katie read <i>the book</i> . Gillian will read it too. Lydia lê <i>o livro</i> . Marilyn também vai lê-lo.

Tabela 2 - Exemplo dos pares de sentenças criados por Carlson et al. (2006) com tradução para o português.

Para cada sentença do par, havia um cenário visualmente apresentado. O primeiro cenário aparecia à esquerda da tela do computador e exibia um personagem em ação, de acordo com a sentença. Após ouvirem a primeira sentença do par, a cena desaparecia e outra surgia à direita da tela, juntamente com o áudio contendo a segunda sentença do par ou na condição com elipse ou na sem elipse. Os sujeitos deveriam, de acordo com o áudio, clicar no item da nova cena que estaria envolvido na ação que estava por vir.

Para entendermos melhor o cenário, segue a Figura 2, que em A, apresenta os cenários da esquerda e da direita da condição fraca. Como podemos perceber, no lado esquerdo, há um personagem realizando a ação de ler o jornal e, em uma coluna ao lado, estão três objetos, dois jornais (sendo um igual ao da ação), no caso a palavra-alvo da sentença, e um objeto não relacionado à sentença, uma frigideira. No lado esquerdo da figura, há outro personagem que não se encontra em ação, pois a sentença é relacionada a uma ação futura. Os objetos são os mesmos da primeira sentença. Um exemplo dos cenários relacionados à condição forte pode ser observado em B. A única diferença de A para B são os objetos, dessa vez livros e uma bola. Os livros correspondem à palavra-alvo das sentenças, enquanto a bola é o elemento distrator.

A. Weak Definites



B. Regular Definites

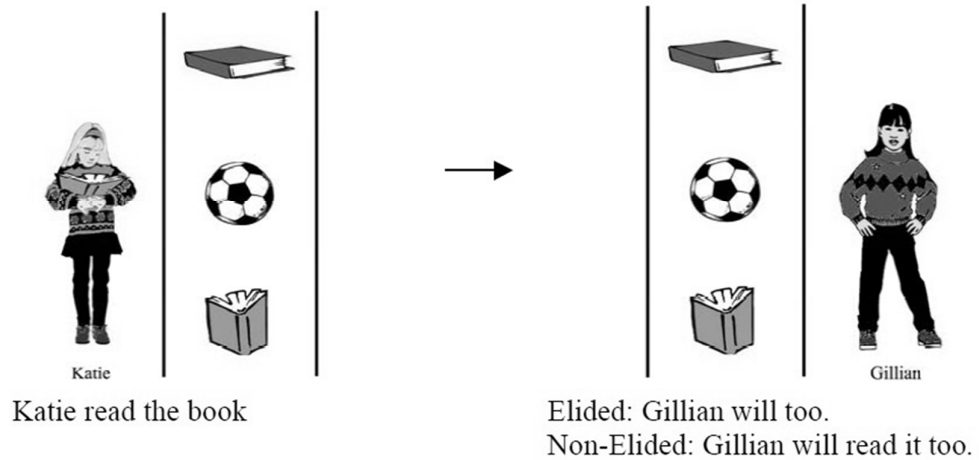


Figura 2 - Exemplo dos materiais preparados para o experimento. Fonte: Carlson et al. (2006:15)

A hipótese levantada pelos autores era de que os definidos fracos induziriam as pessoas a escolherem mais facilmente um referente diferente do que os definidos fortes, que seriam correferenciais e apresentariam o mesmo referente para o par de sentenças. A elipse ou não elipse do contexto não mudaria esse resultado.

Tanto a escolha dos participantes quanto o rastreamento dos movimentos oculares confirmaram a hipótese, reafirmando mais uma vez a diferença semântica entre fracos e fortes. Os sujeitos escolheram um objeto diferente do utilizado pelo personagem da primeira

sentença (Lydia) para atribuir ao personagem da segunda sentença (Marilyn). Os dados de rastreamento ocular seguiram padrão semelhante, os sujeitos tendiam a fixar um objeto diferente do apresentado na primeira sentença na condição fraca. Já na condição forte, os sujeitos optavam pelo mesmo referente da ação da primeira cena e fixavam o olhar no mesmo objeto.

No já mencionado congresso (*IN DEFINITES AND WEAK REFERENCE*, realizado em agosto de 2012 na UFSC, Carlson apresentou outras investigações experimentais que ele, Natalie Klein, Whitney Gegg-Harrison e Michael K. Tanenhaus estão realizando. Tais experimentos contrastam tanto os NPs definidos fracos e fortes quanto o NP definido fraco e o indefinido.

Um dos experimentos testava o enriquecimento semântico das expressões fracas. Essa propriedade foi testada pelo fato de que ela faz perder a especificidade de agente que os sujeitos da sentença apresentam em sentenças com o NP definido forte. Os sujeitos deveriam falar sobre que inferências obtinham sobre um determinado evento. Eles deveriam imaginar o cenário de sentenças, responder a uma questão e realizar uma descrição do que ouviram. Um exemplo das sentenças na condição fraca e fortes seguidas das tarefas é ilustrado na Tabela 13.

	Definido Fraco	Definido forte
Sentença	The FedEx driver had to go to <i>the hospital</i> . O entregador ²⁰ do FedEx teve que ir para <i>o hospital</i> .	The FedEx driver had to go to <i>the farm</i> . O entregador do FedEx teve que ir para <i>a fazenda</i> .
Pergunta	Was the FedEx driver making a delivery in the scene you imagined? O entregador do FedEx fez uma entrega na cena que você imaginou?	Was the FedEx driver making a delivery in the scene you imagined? O entregador do FedEx fez uma entrega na cena que você imaginou?
Respostas possíveis	Yes/ No Sim/ Não	Yes/ No Sim/ Não
Tarefa de descrição	Describe the scene you imagined. Descreva a cena que você imaginou.	Describe the scene you imagined. Descreva a cena que você imaginou.

Tabela 3 - Exemplo do material criado por Carlson et al. (2012)

²⁰ Nos EUA, o motorista do FedEx é o entregador das encomendas.

Como esperado pelos autores, 71% dos participantes responderam não para a pergunta na condição fraca enquanto somente 40% respondeu não para a condição forte. Tal diferença ressalta a existência de enriquecimento semântico na condição fraca, que não necessariamente coloca o sujeito como agente da ação, o que acaba sendo uma leitura obrigatória na condição forte.

Carlson debate também a diferença entre definidos fracos e indefinidos, demonstrando que os definidos fracos apresentariam um tipo de definitude distinta do NP determinado por um artigo indefinido. O experimento acima foi modificado para testar essa última afirmação. Para isso, o experimento foi reaplicado com uma mudança nas condições: ao invés de contrastar fracos e fortes, os experimentadores o realizaram utilizando as condições indefinida e fraca. No lugar das sentenças fortes, foram testadas sentenças em que o NP era determinado com um artigo indefinido. Os procedimentos foram os mesmos. Apesar de uma diferença percentual, autores não obtiveram diferentes respostas estatisticamente relevantes ($p < 0.06$) sobre fracos e indefinidos. Os fracos mantiveram a resposta não para os fracos (71% das vezes) e, dessa vez, a mesma resposta foi dada 49% das vezes para os indefinidos.

Ainda desejando encontrar diferenças entre fracos e indefinidos, Carlson et al. (comunicação pessoal) realizaram mais um experimento com essas condições. Dessa vez, a pergunta era: como os artigos definidos e indefinidos contribuem para o significado?

Os autores criaram cenários com sentenças que contrastavam fracos e indefinidos. Os sujeitos deveriam julgar onde as sentenças teriam ocorrido. Há um exemplo a seguir (Tabela 4) que contém os textos apresentados nas duas condições com a palavra-alvo na condição fraca ou na forte. Também podemos observar o comando da tarefa, a pergunta feita pelos experimentadores e as opções de respostas fornecidas.

	Definido Fraco	Indefinido
Tarefa	Diga qual lugar é mais apropriado para a sentença e para o cenário.	Diga qual lugar é mais apropriado para a sentença e para o cenário.
Texto apresentado	Kevin mora no litoral da Carolina do Norte com seus pais. Um dos seus passatempos favoritos é colecionar conchas do mar e ele as pega sempre que tem chance. Duas vezes por ano, a família viaja para o litoral da Flórida para visitar os avós. Kent escreveu um e-mail para seu amigo, dizendo: “Eu fui para <i>a praia</i> semana passada”.	Kevin mora no litoral da Carolina do Norte com seus pais. Um dos seus passatempos favoritos é colecionar conchas do mar e ele as pega sempre que tem chance. Duas vezes por ano, a família viaja para o litoral da Flórida para visitar os avós. Kent escreveu um e-mail para seu amigo, dizendo: “Eu fui para <i>uma praia</i> semana passada”.
Pergunta	Aonde você acha que ele foi?	Aonde você acha que ele foi?
Respostas possíveis	1. Definitivamente à Flórida. 2. Provavelmente à Flórida. 3. Talvez à Flórida. 4. Provavelmente à Carolina do Norte. 5. Definitivamente à Carolina do Norte.	1. É mais provável que seja à Flórida. 2. É menos provável que seja à Flórida.

Tabela 4 - Exemplo do experimento realizado.

Em tal experimento houve diferença significativa entre fracos e indefinidos. Os definidos fracos apresentaram respostas entre 3 e 4, ou seja, lugares familiares, que estavam presentes no contexto. Já os indefinidos apresentaram como resposta 2, indicando que o indefinido determinaria um nome com menor familiaridade no discurso.

Klein et al (2009) publicaram dois experimentos, que também estavam na apresentação de Carlson. Um objetivava testar mais uma vez a propriedade da unicidade, por meio da correferencialidade. O outro, mais uma vez, contrastava indefinidos, definidos fracos e definidos fortes, também, por meio da propriedade da unicidade.

O experimento que contrasta fracos, fortes e indefinidos parte do princípio de que definidos fracos, por não apresentarem unicidade, apresentam maior aceitabilidade em receber mais de uma possibilidade de referência do que as outras condições. Um exemplo das sentenças é ilustrado na Tabela 5.

Definido fraco	Definido forte	Indefinido
Dean and Anne rode <i>the bus</i> .	Dean and Anne rode <i>the bike</i> .	Dean and Anne rode <i>a bus</i> . Dean and Anne rode <i>a bike</i> .
Dean e Anne andaram <i>no ônibus</i> . ²¹	Dean e Anne andaram <i>na bicicleta</i> .	Dean e Anne andaram <i>em um ônibus</i> . Dean e Anne andaram <i>em uma bicicleta</i> .

Tabela 5 - Exemplos das sentenças experimentais.

Os sujeitos ouviam as sentenças enquanto viam, em uma tela de computador, figuras que poderiam ter um único objeto correspondente à palavra-alvo ou dois objetos correspondentes, como na Figura 3. Após o término da sentença, os sujeitos deveriam julgar se a imagem naturalmente correspondia à sentença em uma escala de 1 a 7.

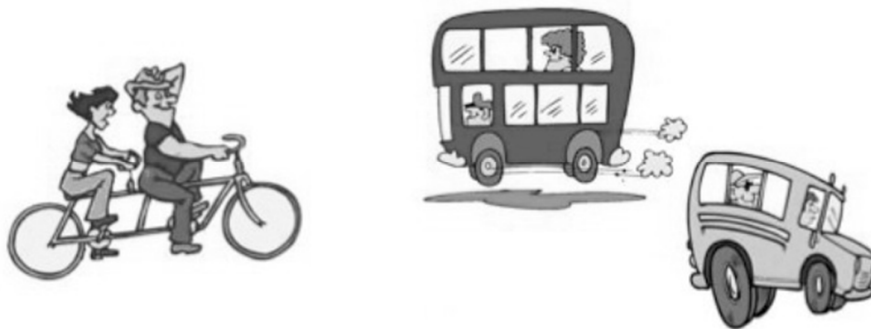


Figura 3- Os sujeitos viam imagens com um objeto, *uma bicicleta*, ou com dois objetos, *dois ônibus*. Fonte: Klein et al. (2009:6)

²¹ Em português, aparentemente, não ocorre leitura fraca com meios de transporte determinados pelo artigo definido, como afirmamos na seção 1.3. Tal leitura é encontrada no NP *bare*, ou seja, no NP que não apresenta determinantes, como em “João e Maria andaram *de ônibus*”.

Nas três condições os sujeitos julgaram um objeto com 6 pontos da escala ou mais. Dois objetos foram significativamente melhores julgados na condição fraca (média de 4,71 pontos), do que por indefinidos (média de 4,24) e fortes (média de 3,67).

O outro experimento publicado por Klein et al (2009) e apresentado por Carlson serviu de inspiração para o nosso experimento de compreensão, descrito no capítulo 4. O objetivo do teste é observar se a unicidade estaria presente nos definidos fracos como está nos definidos fortes. Para isso, os sujeitos deveriam relacionar objetos a personagens, de acordo com pequenas histórias que ouviam. Um exemplo dos materiais criados está na Tabela 6.

Definido fraco	Definido forte
Rudy is a very literary guy. Today he wrote in his diary. Then Rudy read <i>the newspaper</i> . This afternoon, Patty read <i>the newspaper</i> too.	Rudy is a very literary guy. Today he wrote in his diary. Then Rudy read <i>the book</i> . This afternoon, Patty read <i>the book</i> too.
Rudy é um cara muito erudito. Hoje ele escreveu no seu diário. Depois, Rudy leu <i>o jornal</i> . Esta tarde, Patty leu <i>o jornal</i> também.	Rudy é um cara muito erudito. Hoje ele escreveu no seu diário. Depois, Rudy leu <i>o livro</i> . Esta tarde, Patty leu <i>o livro</i> também.

Tabela 6 - Exemplo das sentenças experimentais.

Enquanto ouviam sentença, os sujeitos observavam um quadro metálico que havia ímãs dos personagens das orações, de objetos que representavam as palavras e objetos distratores. Os sujeitos deveriam mover os objetos relacionando-os aos personagens de acordo com a sentença. Um exemplo se encontra na Figura 4, em que podemos observar dois personagens, um seria Rudy e a outra Patty, cada um em uma área com dois objetos, um alvo e um distrator. Os objetos-alvo na condição fraca seriam os jornais e os distratores, os livros, já na forte os objetos-alvo seriam os livros e os distratores, os jornais.

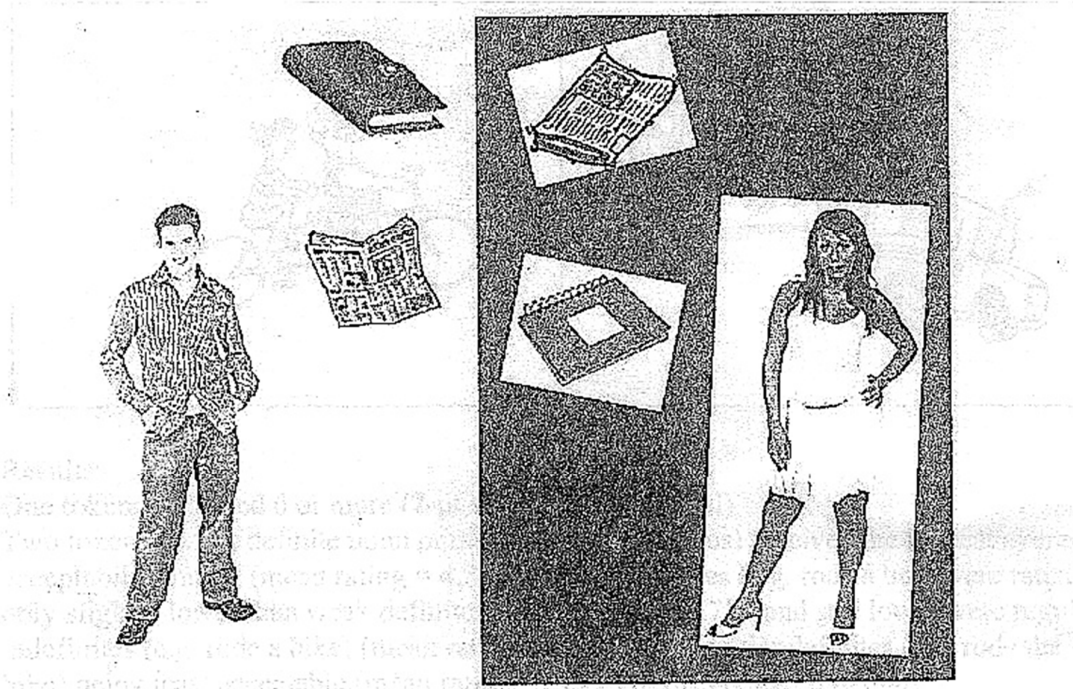


Figura 4- Exemplo do quadro magnético com ímãs utilizado no experimento. Fonte: Apresentação de Carlson.

Na condição forte, o mesmo objeto era atribuído aos dois personagens, ou seja, o sujeito pegava um ímã e colocava em um personagem e depois pegava o mesmo ímã e atribuía ao outro personagem, 66% das vezes. Nos textos com definido fraco, os sujeitos atribuíram aos personagens dois diferentes objetos, ou seja, dois novos e distintos referentes 73% das vezes. A atribuição de um novo ímã diferente para cada personagem corresponde à interpretação não-única do definido fraco, confirmando que tal leitura não apresenta unicidade como os fortes.

Carlson afirma, por fim, que dados experimentais apresentaram importantes resultados que sugerem que os definidos fracos são diferentes dos fortes. Além disso, para o autor, podemos afirmar que a escolha entre o artigo definido e o indefinido não é aleatória, há uma diferença de familiaridade marcada quando optamos por um dos artigos.

Como afirmamos, nossos experimentos se diferenciam dos realizados por apresentarem como foco uma língua de sinais e abordarem não só a compreensão como também a produção dos definidos fracos e fortes. Antes de entrarmos nos nossos

experimentos, apresentaremos algumas visões contrárias aos NPs definidos fracos de Carlson e Sussman.

1.4. Visões críticas à distinção definido forte e fracos

Aguilar-Guevara e Zwarts (2010) e Schwarz (no prelo) questionam que os definidos fracos sejam de fato uma categoria no estudo da referência. Para os primeiros autores, os fracos seriam genéricos definidos, ou como eles afirmam “different faces of same phenomenon²²” (2010:15). Já Schwarz (no prelo) afirma que os fracos seriam na verdade definidos fortes que ocorreriam em sintagmas verbais que denotam eventos.

Começamos com a diferença entre genéricos e fracos. Na seção 1.3, distinguimos o exemplo (29) do exemplo (30). Nós discordamos de Carlson et al. (2006), afirmando que não há leitura fraca em NPs definidos em posição de sujeito, que seria uma leitura genérica. Tal leitura, para nós, seria distinta da apresentada em (30), sentença na qual teríamos um fraco.

(29) *O hospital é onde você deve ir quando está muito doente*²³.

(30) *João foi ao hospital.*

Para Aguilar-Guevara e Zwarts (2010) todos os definidos fracos seriam, na verdade, genéricos. As autoras afirmam que os ditos definidos fracos expressariam uma referência tipo, assim como a referência genérica.

A argumentação das autoras é baseada nos exemplos (33) e (34). Como afirmamos, geralmente, quando na posição de sujeito, o item lexical recebe a leitura forte, como em (33):

²² Tradução: “Diferentes lados de um mesmo fenômeno”.

²³ O exemplo original dos autores é “The hospital is where you should go when very ill.”

(33) *O jornal* desapareceu.²⁴ (Definido forte)

E também pode receber a leitura genérica, como em (34).

(34) *O jornal* traz notícias diárias para as pessoas.²⁵ (Genérico)

Para as autoras, a leitura genérica que o NP definido, como em (34), receberia seria a mesma leitura em (35). *O jornal* em (35) não seria um definido fraco, como Carlson e Sussman defendem, mas uma leitura genérica do NP definido na posição de adjunto, ou como em (36), na posição de objeto.

(35) João soube da notícia *no jornal*.

(36) João sempre fecha *a janela* com medo de assalto.

Para Aguilar-Guevara e Zwarts, a referência genérica seria justificada porque os NPs definidos fracos apresentariam referência a um tipo²⁶. Como apresentado na seção 1.2, a referência genérica acontece quando um sintagma nominal tem como referência um tipo ou uma pluralidade de indivíduos de um mesmo tipo.

Assim, *o jornal* e *a janela* dos exemplos (35) e (36) não denotariam simples objetos, mas tipos de objeto. *Jornal* não denotaria um objeto jornal, mas um tipo de objeto, uma classe. O mesmo ocorre com *a janela*, que não denotaria uma janela, mas uma classe de objetos no mundo com características comuns.

Ao afirmar que os definidos fracos seriam na verdade genéricos, as autoras também salvam a propriedade da unicidade, pois genéricos denotam uma única classe, ou seja, o referente seria um conjunto, como um todo, portanto ainda um referente único.

²⁴ Originalmente, em inglês (p.3): The newspaper disappeared.

²⁵ Originalmente, em inglês (p.3): The newspaper brings people their daily news.

²⁶ Em inglês: reference to kind.

Nós discordamos de Aguilar-Guevara e Zwarts, porque acreditamos que os definidos fracos não denotam uma classe, mas uma entidade que não é unicamente identificável no discurso. Assim, ao proferirmos a sentença (35), temos um único jornal que transmitiu a notícia para João, contudo, não conseguimos identificar um único referente para o NP definido.

(35) João soube da notícia *no jornal*.

Em recente publicação, Schwarz (no prelo) afirma que não haveria distinção entre fracos e fortes no quesito unicidade. O definido fraco seria interpretável como o definido tradicional (Russell, 1905), a única diferença é que ele ocorreria em sintagmas verbais que expressariam um tipo de evento.

O autor afirma que, quando Carlson começou a estudar os definidos fracos, ele apontava uma semelhança entre os NPs definidos fracos e os NPs que não apresentavam determinação, os chamados singulares nus²⁷. Analisemos dois exemplos do autor, (36) e (37)²⁸:

(36) Jonh goes to *the school*.

(37) Bill is in *prison*.

Os NPs *the school* e *prison* apresentariam leituras semelhantes, seriam termos circunstanciais, associados a atividades típicas. Há uma regra em Chiechia (1998, apud Schwarz, no prelo) que permite que um predicado pegue, incorpore, um indivíduo “regular”, ou seja, um NP definido tradicional, como seu argumento para formar semanticamente um termo que denote tipo. Tal regra é chamada Derived Kind Predication (DKP) e é descrita em (38):

²⁷ Em inglês: Bare singulars.

²⁸ Em português, ambos exemplos apresentam o artigo definido: (36) Jonh vai para a escola. (37) Bill está na prisão.

(38) Se P é um objeto e k denota um tipo, temos²⁹

$$P(k) = \exists x[{}^U k(x) \& P(x)]$$

O autor estende a noção de Chierchia, e a partir de outras regras de incorporação, como Dayal (2011, apud Scharz, no prelo), demonstra que é possível avaliar o definido, seja fraco ou forte, por meio de um evento que é a base de um tipo de evento. Assim, como o autor afirma, “o tipo consiste em uma pluralidade que inclui todos os eventos que contenham um evento no qual um jornal único é parte do evento de ser lido”.³⁰ (no prelo: 21).

Portanto, a unicidade estaria preservada nos definidos fracos, mas como o definido seria avaliado como parte do argumento do verbo, tal propriedade seria, nas palavras do autor, “trivialmente satisfeita”³¹.

Tanto Aguilar-Guevara e Zwarts (2010) quanto Schwarz (2012) apontam uma leitura genérica do definido fraco, seja do NP propriamente ou do VP em que o NP está incorporado, salvando a propriedade da unicidade. Os experimentos de Carlson contrariam essa visão apontando para uma leitura não-unívoca desses determinantes.

Investigamos se possíveis diferenças estruturais trazidas à tona pelos recursos específicos das línguas de sinais para fazer referência podem trazer novos dados para essa discussão. No próximo capítulo, apresentaremos quais são tais recursos específicos.

²⁹ Em inglês: If P applies to objects and k denotes a kind, then

³⁰ Original: “the kind consists of the plurality including every event which is an event in which the unique newspaper that is part of that event is being read”

³¹ Em inglês: trivially satisfied

2. A língua brasileira de sinais (Libras)

A língua de sinais brasileira (Libras) é a língua da comunidade surda brasileira e é independente do português³². Assim como as outras línguas de sinais, a Libras tem canais diferentes das línguas orais para a transmissão e recepção da linguagem: enquanto as línguas orais utilizam as vias orais e auditivas, as línguas de sinais utilizam o espaço e a visão.

Apesar da diferença de modalidade, línguas de sinais são línguas naturais da comunidade surda e apresentam toda complexidade do sistema linguístico. Ferreira-Brito (1995) faz uma descrição de alguns aspectos da estrutura linguística da Libras e afirma (p. 21) “LIBRAS é uma língua natural, com estrutura própria, regida também por princípios universais”.

Acreditamos que a modalidade espaço-visual presente nas línguas de sinais poderia ajudar a iluminar a diferença entre definidos fracos e fortes, por meio de pistas morfosintáticas presentes na estrutura dos nomes fracos e fortes.

Antes de entrarmos nas descrições dos processos referenciais das Libras e de outras línguas de sinais, acreditamos ser interessante explorar um pouco mais o que é a Libras. Na próxima seção, apresentaremos alguns parâmetros linguísticos da língua de sinais brasileira que auxiliam na compreensão do seu processo referencial.

2.1 Alguns parâmetros linguísticos da Libras

Para compreendermos a referência em Libras, faz-se necessário descrever alguns aspectos linguísticos das línguas de sinais. Tais aspectos serão descritos nesta seção, baseados em Ferreira-Brito (1995) e em de Felipe (2009).

³² Sabe-se que Libras apresenta empréstimos do português, que é a língua dominante do contexto em que Libras se desenvolveu, contudo Libras não é português sinalizado. Suas características próprias são descritas por autores como Ferreira-Brito (1995), Bernardino (1999), Quadros (1999).

Como afirmamos, a Libras é uma língua natural, com estrutura própria e regida pelos princípios universais. Por ser uma língua minoritária, que se encontra em um contexto em que a língua dominante é português, Libras apresenta alguns empréstimos do português. O alfabeto manual, que são sinais das letras do alfabeto romano, é utilizado para alguns desses empréstimos, como nomes próprios ou palavras que não apresentam um sinal em Libras ou até para a tradução de sinais para ouvintes. O processo de soletrar palavras com o alfabeto manual é chamado de datilologia. Como observamos na Figura 5, abaixo, a palavra *certo* apresenta um sinal em Libras. A datilologia é realizada com intuito de tradução.

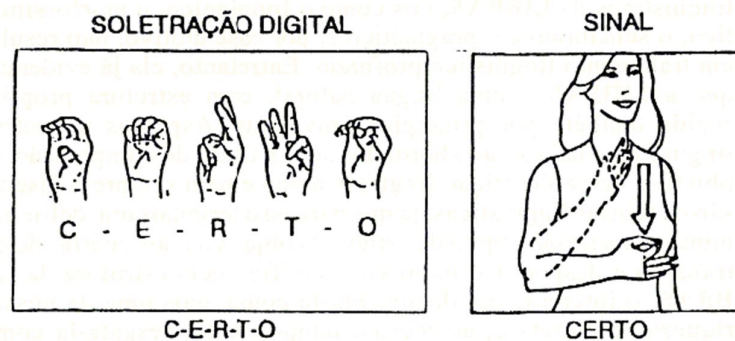


Figura 5 - Certo em datilologia e em sinal. Fonte: Ferreira-Brito (1995:22)

Os sinais de Libras, como *certo* da Figura 5, apresentam parâmetros simultâneos, que se combinam. Os parâmetros são: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação, expressão facial.

A configuração de mão é a forma em que a(s) mão(s) se encontra(m) no sinal. O sinal pode utilizar uma ou duas mãos em sua composição. Ao observarmos a Figura 5, percebemos que o sinal do conceito *certo* apresenta somente uma mão em sua constituição. A mão em questão apresenta uma configuração de mão específica, em que o polegar e o indicador se encontram enquanto os outros dedos estão abertos. Exemplos de sinais que apresentam duas mãos em sua configuração são dados pelas Figura 5. Na Figura 6, o sinal de *trabalhar* é realizado com as duas mãos que apresentam a mesma configuração de mão, um “L” formado pelos dedos indicadores e polegares. Na Figura 7, o sinal de *marrom* também é realizado com duas mãos, mas cada uma apresenta uma configuração de mão, enquanto uma está totalmente aberta, a outra apresenta somente os dedos indicador e médio abertos.

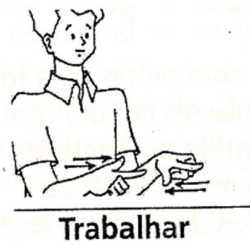


Figura 6 - Sinal do verbo *trabalhar*. Fonte: Felipe (2009:22)



Figura 7 - Sinal de *marrom*. Fonte: Felipe (2009:124)

O ponto de articulação (PA) é o lugar em que o sinal é realizado. Tal lugar pode ser em frente ao corpo ou tocando alguma parte do corpo. Na Figura 8, por exemplo, temos dois diferentes pontos de articulação: o sinal de laranja é realizado na boca enquanto o sinal de *branco* é realizado no braço.

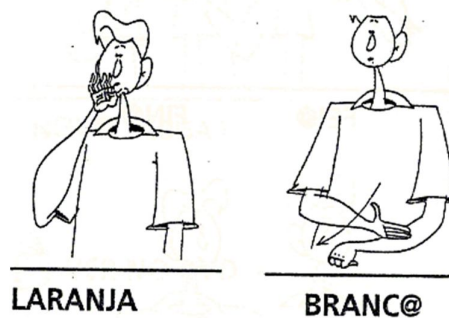


Figura 8 - Sinais de laranja e branco. Fonte: Felipe (2009:124)

Os sinais podem ter ou não ter um movimento. Os movimentos podem ser internos da mão, mexendo os dedos, abrindo, fechando, dobrando, estendendo. Também podem ser

movimentos de pulso ou até de todo o braço. O movimento de pulso compõe o sinal de *gelado*, como pode ser observado na Figura 9. E como dissemos, há sinais sem movimento, como o do verbo *sentar*, ilustrado na Figura 10.

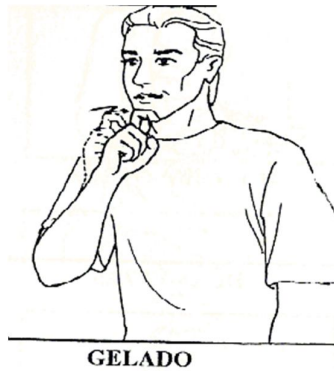


Figura 9 - Sinal de *gelado*. Fonte: Ferreira-Brito (1995:40)

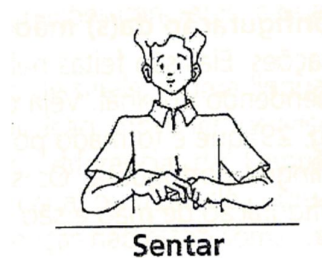


Figura 10 - Sinal de *sentar*. Fonte: Felipe (2009:22)

Ferreira-Brito (1995:41) define a orientação da(s) mão(s) como “a direção da palma da mão durante o sinal: voltada para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a esquerda ou para a direita”. Na Figura 10, acima, por exemplo, ambas as mãos apresentam as palmas para baixo, tal orientação compõem o sinal de *sentar*.

Há ainda a expressão facial, que seria um componente não-manual. Alguns sinais apresentam em sua formação expressões faciais específicas, como o sinal de triste (Figura 11) que é composto pela expressão triste do sinalizador.



Figura 11 - Sinal de triste. Fonte: Felipe (2009:23)

Na próxima seção, apresentaremos o que se sabe sobre o processo da referência e seus mecanismos em algumas línguas de sinais. Ter em mente o que compõe um sinal ajuda a compreender como são formados tais mecanismos e como se dá o processo.

2.2 A referência em línguas de sinais

Aqui exploramos a referência não só em Libras, que ainda é pouco descrita, mas também em outras línguas de sinais, como língua de sinais americana (ASL), venezuelana (LSV), italiana (LIS) e francesa (LSF).

Sabe-se que em línguas de sinais, os processos de introdução e retomada de referentes são tão complexos quanto em línguas orais, apresentando grande quantidade de recursos e peculiaridades comuns a várias línguas de sinais. Ferreira-Brito (1995), uma das primeiras a dizer algo sobre como a referência em Libras é construída, define o fenômeno da correferência em Libras como (1995:116) “um fenômeno bastante complexo”.

Antes de tratarmos da introdução e da correferência, comecemos com definições dos mecanismos utilizados em tais processos: o sinal padrão, o apontamento manual e visual, classificadores e estruturas altamente icônicas (Highly Iconic Structures- HIS), mudanças da posição de corpo.

2.2.1 Mecanismos de referência

Começamos com o sinal padrão. Como sabemos, as palavras em línguas de sinais são representadas por sinais que são formados por configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação, expressão corporal e/ou facial. Sinais que apresentam tais características e fazem parte do léxico das línguas de sinais, que são dicionarizados, são chamados de sinal padrão. A Figura 12, abaixo, apresenta um *snapshot* do sinal padrão de *jornal*.



Figura 12 - *Snapshot* do sinal padrão de *jornal*.

O apontamento manual é realizado quando o sinalizador utiliza o dedo indicador para apontar um espaço que designa um referente ou o próprio referente. Ao introduzir um referente, o sinalizador pode delimitar um espaço para o substantivo e pode retomá-lo por apontamento. Se o sinalizador deseja introduzir ou retomar um referente presente, ele pode apontá-lo. Há também o apontamento visual, em que o sinalizador utiliza os olhos ao invés do dedo para apontar para um espaço ou um referente, o olhar é direcionado para o que se quer referenciar. A Figura 13, abaixo, mostra o apontamento manual de um livro e de uma cadeira. Em ambos os casos, os referentes são introduzidos no discurso por apontamento.

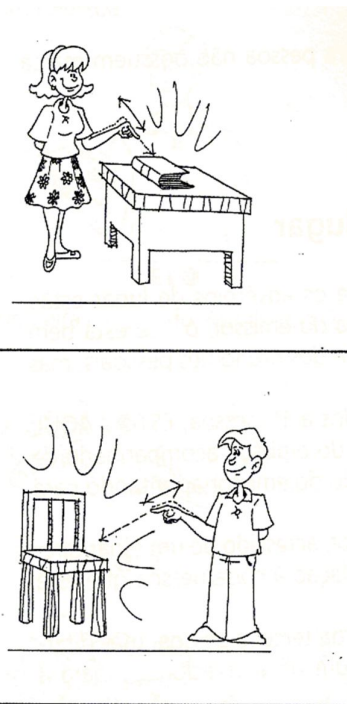


Figura 13 - Apontamento manual. Fonte: Felipe (2009:42)

Outra forma de referir são os chamados classificadores. Os classificadores seriam como as palavras compostas nas línguas orais, em que há a união de morfemas do sinal do objeto com o sinal da ação, por exemplo. Sandler e Lillo-Martin (2006:76) afirmam que classificadores podem denotar relações espaciais, eventos, caracterizar formas e dimensões de objetos. Assim, o sinalizador utilizaria uma forma composta que apresentaria características do substantivo a ser referido, juntamente com a ação que ele exerce, ou com sua relação com espaço.

Bernardino (2012) estudou o uso dos classificadores em Libras e percebeu que, geralmente, o sujeito cria uma configuração de mão morfologicamente composta pelo substantivo e pela ação que mesmo exerce ou pelo substantivo e por traços relacionados à sua localização. A Figura 14, abaixo, exemplifica tal processo, em que uma configuração de mão com movimento é criada para representar a ideia de que as pessoas estavam andando em fila.




Categoria	Imagem-estímulo	CM – parte 1 4	CM – parte 2 4
Complexos – fila de pessoas andando (estímulo com movimento – VM)			

Figura 14 - Configuração de mão (CM) usada em classificadores em Libras em resposta ao estímulo *peças em fila*. (Bernardino, 2012:266).

Classificadores também são chamados de estruturas altamente icônicas (c.f. HIS- Highly Iconic Structures in: Pizzuto et al., 2008). Um exemplo da diferença da sinalização padrão e da utilização de HIS é a Figura 15, abaixo. Nela podemos observar que em 2a o sujeito utiliza o sinal padrão, dicionarizado, de árvore em LSF. Contudo, em 2b e 2c, temos classificadores, ou HIS, em que a expressão facial e o formato da árvore são utilizados como sinalização. Em 2b e 2c, observa-se ainda que diferentes tipos de HIS podem ser combinados entre si. Também é possível a combinação de HIS com sinais padrão.



Figura 15 - Sinalização em LSF de *árvore* feita de maneira padrão em 2a e por HIS em 2b e 2c - retirada de Pizzuto et al. (2008:480).

O corpo também pode ser utilizado para a retomada de referentes. O sinalizador delimita um espaço para o referente e transfere seu corpo para o espaço determinado para o referente. Dessa forma, o corpo representa o objeto.

Os mecanismos que vimos nessa subseção são utilizados nos processos de introdução e/ou retomada do referente. Para sabermos quais processos são utilizados na introdução e

quais são utilizados na retomada, na próxima subseção trataremos do processo da referência em língua de sinais.

2.2.2 Processos de referência

Começamos com Ferreira-Brito (1995), autora do *Por uma gramática em Línguas de Sinais*. Ela afirma que Libras frequentemente utiliza o apontamento para referir e correferir, apontando um lugar no espaço para o referente em questão e, ao retomar tal referente, aponta-se novamente para o lugar pré-estabelecido. Além do apontamento a autora ainda relata o uso da mudança de posição do corpo, de classificadores e, até mesmo, do uso de olhadelas.

Bernardino (1999) investigou o uso dos pronomes pessoais em Libras. De acordo com a pesquisadora, a maneira de introdução do referente depende da presença ou da ausência física do sujeito a ser referido no momento da interação. Se o sinalizador quer se referir a alguém presente no momento de interação, ele aponta diretamente para a pessoa a ser referida, tanto na introdução, quanto na retomada do referente. Se o sinalizador deseja dizer algo sobre alguém ausente, ele sinaliza o referente por meio do sinal da pessoa³³ sobre a qual deseja falar e atribui um lugar no espaço em volta do corpo do sinalizador para essa pessoa. Sempre que o sinalizador quiser correferir à pessoa ele apontará ou mudará seu corpo o olhará para o lugar previamente estabelecido.

Figura 16, abaixo, ilustra a enunciação da frase “Paulo contou a João que sua mulher caiu”. Temos dois referentes potencias para o pronome *sua* na frase: Paulo e João. Inicialmente, os nomes são sinalizados por datilologia³⁴ e colocados em lugares diferentes no plano horizontal do falante. Paulo, por exemplo, foi colocado à direita do falante, enquanto João foi colocado em um lugar diferente, à esquerda do falante. Após sinalizar mulher, o espaço em que João foi simbolicamente colocado é apontado, retomando o referente e demonstrando que a mulher de João caiu.

³³ Na comunidade surda, as pessoas recebem um sinal que as denominam, um nome próprio em Libras. O interessante desses sinais, como afirma Ferreira-Brito (1995:115-116) é que o contrário das línguas orais em que os nomes próprios não têm sentido, os nomes próprios em Libras são descritivos, realçando características de seu dono, como “aquele que tem barba”.

³⁴ Se o sinalizador quiser falar de alguém que não tem sinal, ele realiza a datilologia, que é utilizar o alfabeto romano sinalizado para escrever algo em língua oral, como o nome da pessoa.

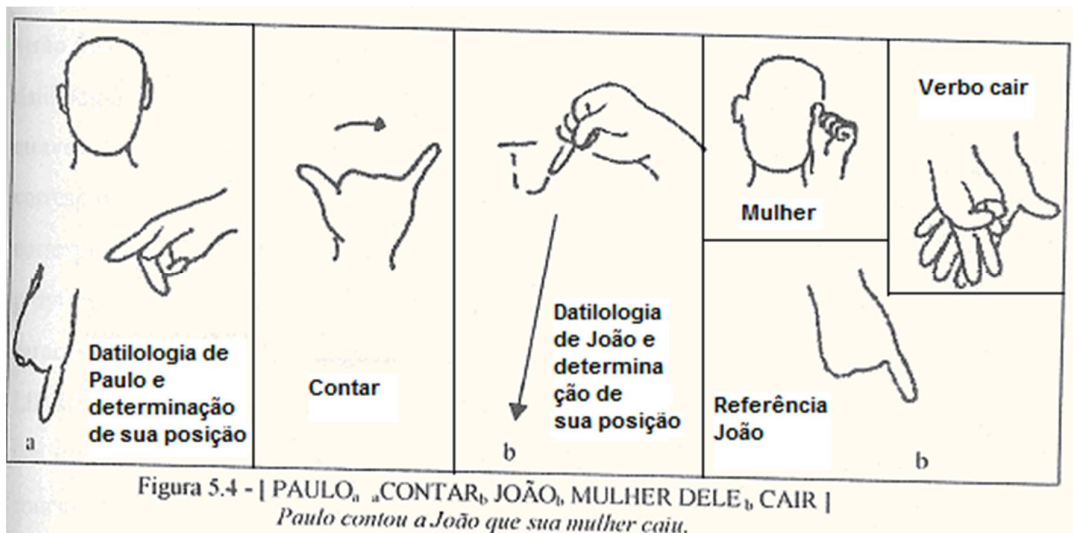


Figura 16 - Bernardino, 199:145 (figura adaptada)

Já a Figura 17 representa a enunciação em que a mulher de Paulo caiu, sendo assim Paulo o referente retomado no discurso.

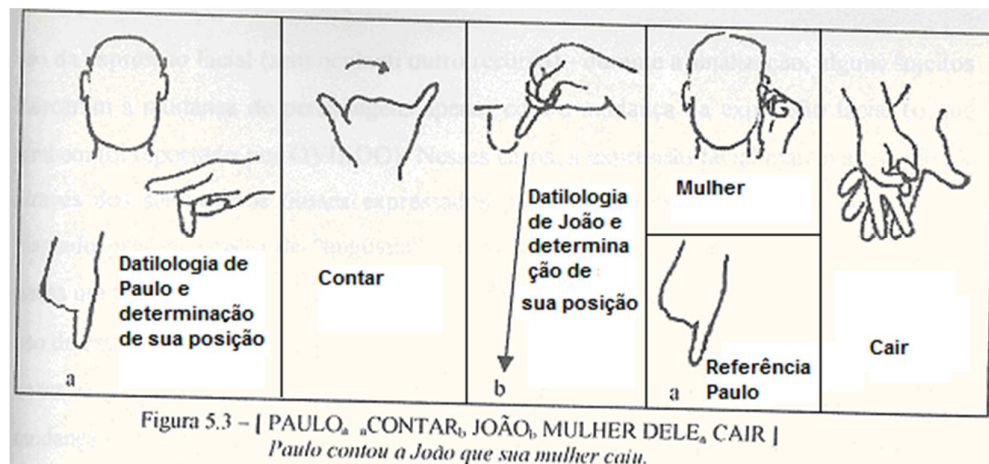


Figura 17 - Bernardino, 1999:145. (Figura adaptada)

Ambas as figuras representam o referente sendo colocado e retomado no discurso por apontamento. Contudo, vimos que o sinalizador tem outras formas de realizar a referência anafórica. Como Ferreira-Brito (1995) e Bernardino (1999) afirmam, o surdo pode mudar seu corpo para o lugar em que o referente é estabelecido, ou, simplesmente olhar para tal lugar, realizando a correferência.

Construções com classificadores também são comuns em retomadas anafóricas. Ferreira-Brito (1995:120) traz como exemplo uma narrativa em que um ouvinte deu carona a um surdo. No Brasil, como quem dirige fica do lado esquerdo, o surdo estava do lado direito e o ouvinte do esquerdo e não houve necessidade de marcar tais posições no discurso. Ao longo da narrativa, o surdo olha para a esquerda e pergunta ao ouvinte se quer que ele dirija. O ouvinte diz que sim e os dois trocam de lugar. A oração que Ferreira-Brito (1995:120) traz para a troca é a seguinte:

(40) Cl:V (ouvinte, esq.) + Cl: V (surdo, dir.) (=os dois trocam de lugar) cruzamento dos braços;

Cl:V (surdo, esq.) + Cl:V (ouvinte, dir.)

O recurso em (40) para estabelecer a correferência é a utilização do classificador (Cl) no lugar dos nomes (surdo, ouvinte).

É interessante observar que as autoras, Bernardino e Ferreira-Brito, não falam sobre repetição do nome em anáforas em Libras. Oviedo (1996:20) afirma que na língua de sinais venezuelana, o sinal do nome só é utilizado na primeira introdução. Na retomada, o sinalizador utiliza pronomes ou os outros tipos de estratégias de referência, sem a repetição do nome.

Pizzuto et al. (2008) observaram em língua de sinais americana (ASL), italiana (LIS) e francesa (LSF) características específicas que afetariam a dêixis e a anáfora. Os autores observaram que o sinal do nome, que eles chamam de sinal padrão, os classificadores, que eles chamam de Highly Iconic Structures (HIS), e a mudança do corpo para o lugar do referente são formas de correferência.

A partir de produções de narrativas de dois pequenos textos usados em uma pesquisa que contrastava línguas de sinais e orais, Pizzuto et al. analisaram como os processos de referência. A LIS e a ASL tiveram a mesma história narrada, *Frog where are you?*. A LSF teve narrada a história *The Horse*. As narrações foram feitas por surdos fluentes na língua de sinais examinada, que puderam analisar e se familiarizar com as histórias, sem restrições de tempo. A análise foi focada nas sequências textuais de mesmo conteúdo e duração (aproximadamente 1 minuto) e as expressões referenciais que são usadas no texto para introduzir e manter a referência (anaforicamente) de referentes animados e inanimados sinalizados nas narrativas.

Por meio das narrativas, os autores perceberam que apesar de sinal padrão e HIS serem possíveis na correferência, HIS é mais frequente em anáforas nas três línguas examinadas do que os sinais padrão. Sinais padrão foram mais utilizados para a introdução do referente no discurso. Portanto, em língua de sinais americana, italiana e francesa, é mais comum que a retomada de um correferente seja realizada por classificadores do que por sinais padrão.

Em nosso experimento de produção, analisamos tanto a forma de retomada quanto a forma de introdução da palavra-alvo. Com relação à retomada, partimos do princípio de que, como discutido, o definido forte é necessariamente correferencial, o que não ocorre com o definido fraco. Dessa forma, podemos afirmar que, de acordo com a literatura disponível, o definido forte no momento da correferência, como no exemplo (31) abaixo, repetido da seção 1.3, poderia apresentar o apontamento manual ou visual, um classificador, uma mudança de corpo ou a repetição do nome (o que seria menos frequente).

(31) Maria foi *ao auditório* e João também. (Precisa ser o mesmo auditório.)

No definido fraco, a repetição do nome seria o esperável, pois não há correferência, não havendo a possibilidade de retomada por mudança do corpo, apontamento ou classificador. Tais diferenças nos levaram construir estímulos que apresentassem duas vezes o referente, fazendo com que observássemos a segunda introdução.

A primeira introdução do NP definido também foi observada, pois poderia trazer outras diferenças morfossintáticas entre fracos e fortes. Ferreira-Brito (1995) e Bernardino (1999) demonstram que o referente é introduzido no espaço por apontamento. Alguns autores (Bahan et al, 1995; Quadros, 1999) afirmam que o apontamento, quando pré-nominal, utilizado para introduzir o referente seria um tipo de determinante em língua de sinais.

Em língua de sinais americana (ASL), por exemplo, o apontamento para um lugar no espaço ocorreria antes da introdução do sinal, funcionando como um determinante, marcando que aquela expressão nominal é definida (Bahan et al., 1995). Quadros (1999) defende que o mesmo ocorre em Libras, que o apontamento pré-nominal também ocorre em Libras e que sua função seria determinar o NP.

A partir de tais descrições, nossa hipótese foi a de que o NP definido forte, fraco ou genérico apresente diferentes formas morfossintáticas que marquem a distinção semântica. Tal diferença pode se dar no ponto de articulação do NP, ou seja, no espaço em que o NP será

sinalizado, ou, como descrito na literatura, na forma da sinalização do NP, na configuração de mão utilizada na introdução e na retomada.

Para verificar a hipótese, realizamos primeiramente um experimento de produção, descrito no próximo capítulo. Esse experimento nos permitiu analisar a morfossintaxe dos fracos e fortes. A partir dos dados obtidos, realizamos um experimento de compreensão (capítulo 4) que nos permitiu verificar se a morfossintaxe encontrada confirmava a distinção dos fracos e fortes no âmbito da compreensão.

No capítulo 3, a seguir, relataremos o experimento de produção, descrevendo os materiais utilizados e o procedimento realizado. Além disso, apresentaremos os resultados encontrados que serão discutidos.

3. Experimento de Produção

3.1 Objetivos

Por esperarmos que as línguas de sinais possam realizar através de diferentes estruturas as diferenças semânticas entre o NP definido fraco e o forte, realizamos um experimento de produção com o objetivo de coletar dados sobre como a Libras representa a diferença entre fracos e fortes.

Experimentos de produção são comparativamente mais raros do que os de percepção em psicolinguística, dada a dificuldade de controle dos resultados obtidos. Ao oferecermos estímulos para um sujeito e pedir que ele os reproduza de forma espontânea, podemos obter os mais variados resultados, que podem não ser suficientes para uma análise adequada. Por isso, experimentos de compreensão são mais utilizados. Em um experimento de compreensão em que se analisa o tempo de reação, por exemplo, o experimentador obtém comparações entre tempos de diferentes condições que podem dizer estatisticamente se são ou não significantes.

Ao utilizarmos um experimento de produção devemos, portanto, ter um grande controle dos estímulos para que os sujeitos produzam dados razoavelmente uniformes e passíveis de análise e que consigamos obter dados capazes de serem analisados estatisticamente. Descrevemos o processo de preparação dos materiais na próxima seção.

3.2 Materiais

Definimos 12 palavras-alvo baseadas em Carlson e Sussman (2005) e Carlson et al (2006). Dois critérios determinaram a escolha dessas palavras: o fato de elas poderem receber leituras fraca e forte em Libras, dependendo do contexto em que são usadas, e que as palavras apresentam um sinal registrado em dicionário e conhecido pela comunidade surda de Minas Gerais³⁵.

³⁵ O léxico da Libras apresenta grande variação entre os estados brasileiros. Um interessante estudo sobre a variação lexical de Libras é de Júnior (2011).

Foram criados pares de sentenças em que ocorreram as palavras-alvo. Cada palavra selecionada foi colocada em contexto fraco e forte. Tais contextos foram criados inicialmente em português, sendo que as sentenças foram criadas em pares para que verificássemos a primeira e a segunda ocorrência da palavra-alvo. Um exemplo dos contextos criados pode ser visto na Tabela 7.

Palavra-alvo	Definido Fraco	Definido Forte
Televisão	João viu <i>na televisão</i> a enchente no Rio. Clara também viu <i>na televisão</i> a enchente do Rio.	João comprou <i>a televisão</i> na loja. Maria ficou feliz com <i>a televisão</i> .

Tabela 7 - Exemplo de sentença construída em português.

Ao observarmos a palavra-alvo *televisão* na condição fraca, em ambas as sentenças, ela não apresenta unicidade e não é necessário que haja correferência. Já na condição forte, há a necessidade se identificar um único referente e que a televisão que João comprou seja a mesma que deixou Maria feliz.

Após construir as sentenças verificamos se em português os contextos realmente deixariam as palavras-alvo na condição forte ou fraca por meio de um experimento de completção de sentenças. Cunha Lima (2008) define a completção de sentenças como uma tarefa que consiste em pedir aos sujeitos que escrevam uma continuação de fragmentos de sentenças ou textos. No nosso caso, pedimos que 30 estudantes de graduação, todos falantes nativos de português, completassem sentenças como as ilustradas na Tabela 8, a lista completa de sentenças se encontra no Anexo 1.

Palavra-Alvo	Definido Fraco	Definido Forte
Supermercado	Julia procura sempre as ofertas do supermercado antes de comprar. Já Alexandre _____.	A prefeitura interditou o supermercado ano passado. Os clientes _____.

Tabela 8 - Exemplo de sentenças utilizadas no teste de completção.

Cada sujeito completou 36 sentenças, sendo 24 distratoras e 12 experimentais (4 fracas, 4 fortes e 4 genéricas³⁶). As sentenças distratoras foram utilizadas para garantir que os

³⁶ A intenção inicial era verificar também estruturas genéricas, contudo tal condição demonstrou-se complexa para somente dois anos de estudo. Além da falta de literatura sobre a referência genérica e, Libras, obtivemos

sujeitos não percebessem nossos objetivos experimentais. O sujeito recebia a palavra-alvo em somente uma das condições, assim, o sujeito que via uma palavra alvo na condição fraca, não a via na condição forte e vice-versa. Três listas foram criadas para que todas as palavras-alvo aparecessem em cada condição e para diferentes sujeitos, dessa forma, 10 sujeitos, estudantes de graduação, viram cada lista.

As continuações geradas pelos sujeitos foram classificadas como: forte, fraca e outros. Quando os sujeitos produziram uma continuação correferencial (usando a elipse ou qualquer instrumento que permitisse uma leitura correferencial), a continuação foi caracterizada como *forte*. Se a continuação não necessariamente era correferencial e não havia necessidade de se identificar um único referente para a compreensão da sentença, a continuação foi classificada como *fraca*. Se as respostas não se adequavam ao contexto, mudavam de assunto, elas eram classificadas como *outros*. Exemplos de respostas de dois sujeitos para a palavra-alvo supermercado estão na Tabela 9, abaixo:

Palavra-alvo	Definido fraco	Definido forte	Outros
Supermercado	Júlia procura sempre as ofertas do supermercado antes de comprar. Já Alexandre <u>compra no primeiro supermercado que vai.</u>	A vigilância sanitária interditou o supermercado ano passado. Os clientes <u>ficaram satisfeitos. O supermercado fedia.</u>	Júlia procura sempre as ofertas do supermercado antes de comprar. Já Alexandre <u>nunca sai de casa.</u>

Tabela 9 - Exemplo de respostas para a palavra-alvo supermercado nas condições fraca e forte.

O resultado da tarefa de completção (Tabela 10) confirma nossa hipótese de que os definidos com leitura forte apresentam mais correferência na sentença completada do que os com leitura fraca. Os últimos apresentam maior introdução de um novo referente.

Contexto	Novo referente	Correferência	Outros	Total
Forte	8,9%(20)	75,2%(170)	15,9%(36)	100%(226)
Fraco	60,9%(112)	12,5%(23)	26,6%(49)	100%(184)

Tabela 10 - Resultado do teste de completção por tipo de ocorrência

dados não significativos sobre genérico, que apontaram para a necessidade de um estudo voltado somente para tal condição.

Analisamos os resultados estatisticamente, utilizando o teste Chi-quadrado. Os resultados demonstraram que a primeira sentença que apresenta a palavra alvo em contexto que permite a leitura forte, as expressões anafóricas são mais prováveis [χ^2 (180) $df = 2$, p -value < 0.00001]. Já o contexto que permite a leitura fraca apresenta como continuação a introdução de novos referentes [χ^2 (68), $df = 2$, p -value > 0.0001].

Em português, confirmamos a relação entre a palavra-alvo e os contextos desencadeando leitura forte ou fraca. Partimos, então, para a geração dos estímulos em Libras. As sentenças criadas a partir do experimento e completação, primeiramente, passaram por um bilíngue (português-libras) ouvinte, que, por sua vez, passava somente em Libras as sentenças para dois surdos proficientes na língua. Os três falantes de Libras avaliaram as sentenças e as palavras-alvo como possíveis de serem utilizadas tanto na leitura fraca quanto na forte na língua de sinais em estudo. Os contextos foram modificados para que as leituras fossem preservadas em Libras.

É importante ressaltar que somente o ouvinte teve acesso às sentenças em português. Ele sinalizava as sentenças em Libras e perguntava se a palavra-alvo apresentava o mesmo referente na segunda sentença, se a palavra-alvo apresentava enriquecimento semântico, quais seriam os referentes possíveis na sentença. Quando a sentença não apresentava a leitura esperada, os surdos sugeriam as adaptações para que a leitura existisse. Os dois surdos passaram por esse processo com o ouvinte e o experimentador separadamente, o que nos fez confirmar com cada um que a leitura fraca e a forte foram mantidas nas palavras-alvo.

Após a criação das sentenças, as frases foram filmadas pelos dois surdos (um homem e uma mulher) que auxiliaram na criação das sentenças. Como os estímulos foram criados em pares de sentenças, cada um foi responsável pela gravação de uma sentença do par. Cada par teve a ordem de vídeos mulher-homem ou homem-mulher aleatorizada antes das gravações. Logo, nem sempre os pares começavam com a mulher como sujeito da oração ou com o homem como sujeito. Além dos 12 pares experimentais na condição fraca, 12 pares na condição forte, foram gravados mais 24 pares de sentenças distratoras. Um exemplo de um par na condição fraca e um par na forte traduzido para o português é apresentado na Tabela 11 abaixo (todas as sentenças adaptadas se encontram no Anexo 2).

Palavra- alvo: janela	Mulher	Homem
Condição definido fraco	Eu sempre fecho <i>a janela</i> com medo de assalto.	Eu gosto de deixar <i>a janela</i> aberta quando viajo.
Condição definido forte	Eu paguei alguém para consertar <i>a janela</i> .	Eu quebrei <i>a janela</i> .

Tabela 11 - Exemplo das sentenças gravadas, traduzidas para português.

As sentenças foram sinalizadas separadamente para que observássemos a integração entre as sentenças no momento da produção. Assim, na análise de resultados, a primeira e a segunda ocorrências das palavras-alvo foram analisadas. O espaço em que a palavra foi articulada e o modo, o mecanismo de referência utilizado, foram observados. Na segunda ocorrência, houve uma atenção especial no fato de o sujeito realizar ou não a correferência, que é esperada no definido forte.

3.3 Sujeitos

Sete voluntários, todos surdos e proficientes em Libras, realizaram o experimento. A proficiência dos sujeitos foi garantida pelo grupo de pesquisa em Libras da UFMG, que tem contato com a comunidade surda de Belo Horizonte. A idade dos participantes variou entre 21 e 42 anos de idade. Todos apresentavam ensino médio completo.

A idade de aquisição da língua de sinais nos sujeitos variou de 03 a 17 anos, o que nos fez questionar qual seria o sujeito ideal de Libras, já que muitas vezes a aquisição é tardia. É difícil encontrar sinalizadores nativos de línguas de sinais. De acordo com Costello et al (2008:341), a noção de falante nativo de língua oral, em que o contexto é monolíngue, deve ser diferente da noção de falante nativo em línguas de sinais.

Línguas de sinais são línguas minoritárias e estão em contato constante com suas línguas orais, que são as línguas oficiais e dominantes; a Libras, por exemplo, é uma língua que geralmente só é utilizada pela comunidade surda. Segundo Bernardino (2000) somente 5% das crianças surdas apresentam pais surdos, ou seja, nem sempre a língua está presente em contexto familiar, ou pode ser chamada de língua materna.

Por essas razões, a idade de aquisição não foi pré-requisito para os sujeitos, mas apenas o grau de proficiência que eles apresentavam em relação à língua. Os sujeitos, que tiveram a proficiência comprovada, realizaram o experimento. O procedimento que eles executaram é descrito na próxima seção.

3.4 Procedimentos

Os pares de sentenças foram distribuídos em três scripts, cada um com 12 pares de sentenças experimentais e 24 distratoras. O experimento foi construído no *software* DMDX³⁷. Como foi dito, cada par de sentenças tinha dois vídeos: um com uma mulher ou um homem sinalizando uma sentença e o outro com um homem ou uma mulher sinalizando uma sentença. A ordem da exibição dos pares de sentenças foi aleatorizada pelo próprio DMDX. Outro importante controle foi que os sujeitos que viam uma palavra-alvo na condição forte, não a viam na condição fraca e vice-versa.

Antes de o experimento começar, os sujeitos assistiam ao TCLE³⁸ gravado em Libras e eram instruídos sobre o procedimento que iriam realizar. Depois das instruções, passavam por um treinamento com três pares de sentenças distratoras em que poderiam esclarecer as dúvidas que tivessem sobre a tarefa e sobre o experimento. Após o treinamento, os sujeitos ficavam sozinhos para realizar o experimento.

O procedimento consistia na apresentação dos pares experimentais ou distratores em uma tela de computador. Os sujeitos assistiam aos vídeos correspondentes aos pares de sentenças somente uma vez. Após a exibição, aparecia uma imagem de uma câmera filmadora que era o comando para que eles recontassem para a filmadora, localizada à frente dos sujeitos, o que eles acabaram de assistir, utilizando a Libras. Não havia limite de tempo para que os sujeitos recontassem as sentenças.

A seguir apresentamos um esquema que ilustra o funcionamento do experimento:

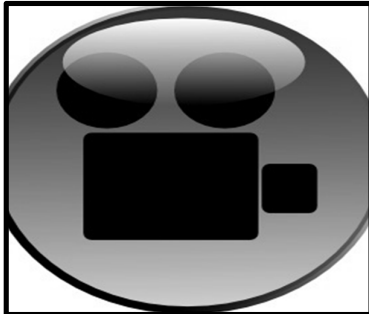
³⁷ Disponível para download: <http://www.u.arizona.edu/~kforster/dmdx/dmdx.htm>.

³⁸ Termo de consentimento livre e esclarecido.



O sujeito assistia à primeira sentença do par (Lembramos que a ordem mulher-homem, homem-mulher foi aleatorizada). Aqui temos um snapshot do sinal da palavra-alvo *janela* na sentença do homem.

Quando a primeira sentença acabava, a segunda começava automaticamente. O sujeito assistia à segunda sentença. Aqui temos um snapshot da palavra-alvo *janela* na sentença da mulher.



Após assistir à segunda sentença, o sujeito apertava a barra de espaço e a imagem da filmadora aparecia. Tal imagem era um sinal para que os sujeitos comessem a recontar para uma filmadora o que haviam assistido.

3.5 Resultados

Os vídeos obtidos no experimento foram analisados com ajuda do software ELAN³⁹, que é projetado para análises em vídeo. Uma tela que exemplifica a análise realizada é apresentada na Figura 19:

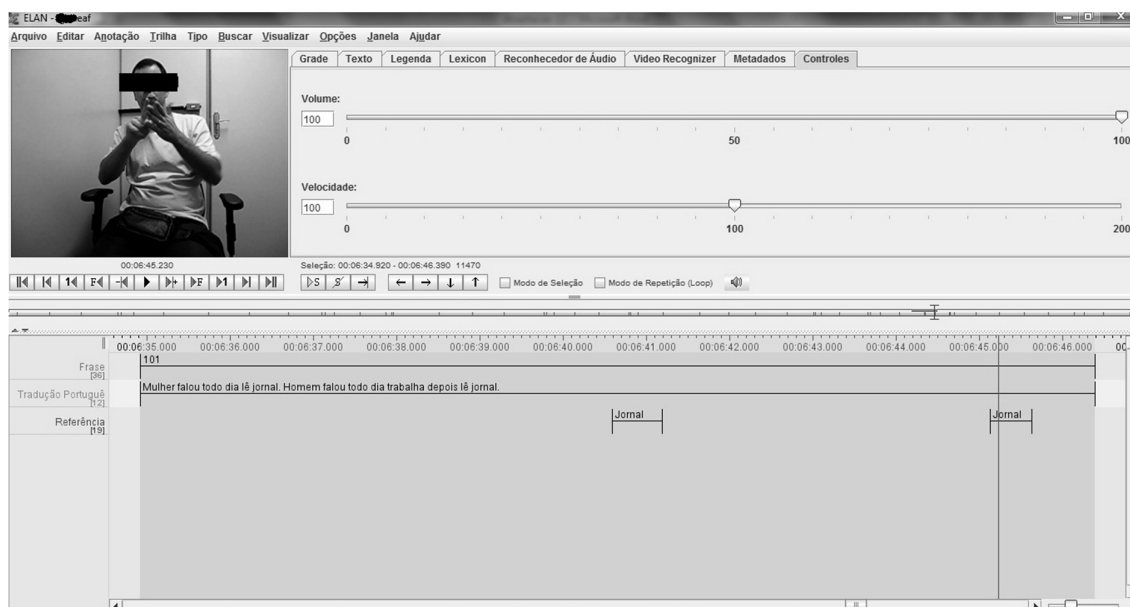


Figura 19 – Amostra da análise realizada. O sujeito sinaliza *jornal* no momento do *snapshot*.

Na análise no ELAN, transcrevemos as sentenças sinalizadas. Algumas sentenças, que não preservavam o sentido do par de sentenças estímulo, foram descartadas. A falta de sentido se deu à falta de compreensão dos estímulos ou ao esquecimento dos vídeos assistidos. Um exemplo de sentença descartada é apresentado na Tabela 12 a seguir em que temos os estímulos e a produção do sujeito, que mudou o sentido da sentença.

Palavra-alvo	Estímulo	Produção
<i>Jornal</i>	HOMEM: Hoje, eu rasguei o jornal. MULHER: Eu não gostei do homem ter rasgado o jornal.	Mulher falou que rabiscou e rasgou o jornal. Homem falou que amassou o jornal e rasgou.

Tabela 12 - Exemplo de sentença descartada.

³⁹ Download gratuito: <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>.

As sentenças que continham a palavra-alvo rádio também foram descartadas (Tabela 13, abaixo). Em discussão com o grupo de pesquisa de Libras, percebemos que a expressão ouvir o rádio, em Libras, compõe um único sinal. Dessa forma, nossa palavra-alvo não seria o substantivo rádio, mas a ação, havendo um problema na construção do estímulo.

Palavra-alvo	Leitura Fraca	Leitura forte
Rádio	MULHER: Eu adoro ouvir o rádio. HOMEM: Todo dia de manhã, eu ouço o rádio.	MULHER: Eu comprei o rádio. HOMEM: Eu quebrei o rádio.

Tabela 13 - Pares descartados por problemas na construção do estímulo.

Nas 11 palavras-alvo restantes, observamos que os NPs definidos alvos de nosso estudo apresentaram uma distinção clara em relação aos espaços em que foram sinalizados. Fracos e fortes foram realizados em dois diferentes espaços, que denominamos neutro e determinado. A partir dessa observação os dados foram quantificados.

O espaço à direita ou à esquerda do falante foi chamado de espaço de *determinado*. Um exemplo da sinalização nesse espaço é ilustrado pela Figura 20:



Figura 20 - TELEVISÃO no espaço determinado.

O espaço sempre na frente do falante, no centro, foi denominado espaço *neutro*. Um exemplo de sinalização nesse espaço é ilustrado pela Figura 21:



Figura 21- TELEVISÃO no espaço neutro.

O método estatístico utilizado para a análise da relação entre os espaços neutro e determinado e as condições fraca e forte foi o qui-quadrado. Tal método é comumente aplicado em dados categóricos, como os nossos.

Nas expressões fortes, a introdução do referente foi predominantemente marcada à direita ou à esquerda do falante, nos espaços *determinados* (χ^2 (25.1) $df=2$, $p < 0.00001$). Nos mesmos espaços, as expressões foram retomadas por apontamento ou repetição do referente, deixando clara a correferência (χ^2 (31.1) $df=2$, $p < 0.00001$).

Já na expressão fraca, o sinal foi introduzido em um espaço sempre na frente do falante, no centro, em um espaço que denominamos *neutro*. A palavra alvo foi sinalizada em espaço neutro tanto na primeira ocorrência (χ^2 (13.1) $df=2$, $p < 0.001$), quanto na segunda (χ^2 (15.8) $df=2$, $p < 0.001$).

Os resultados obtidos são representados nos gráficos 1 e 2, abaixo. Nos gráficos, temos a porcentagem das ocorrências das condições em espaço neutro e determinado. O Gráfico 1 demonstra os resultados da primeira ocorrência da palavra-alvo, enquanto o Gráfico 2 os da segunda ocorrência:

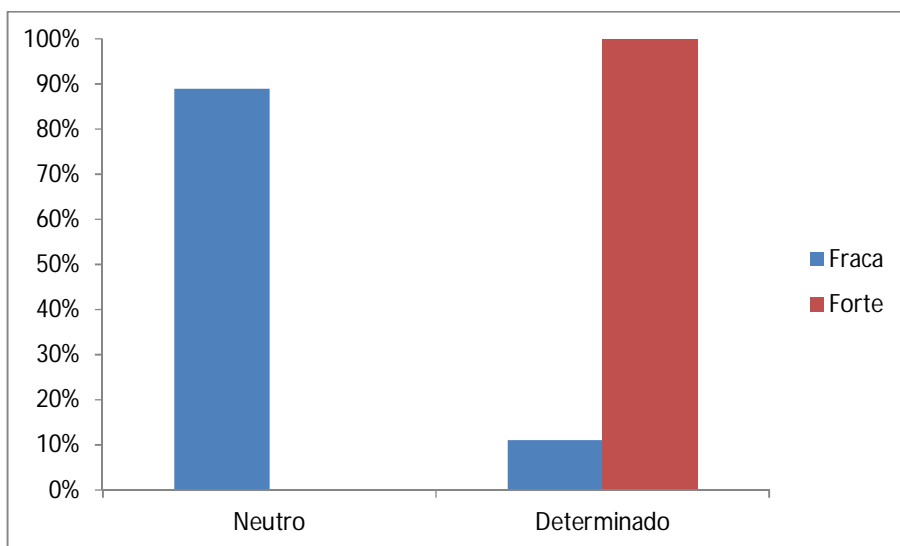


Gráfico 1 - Primeira ocorrência da palavra alvo em relação ao lugar da sinalização.

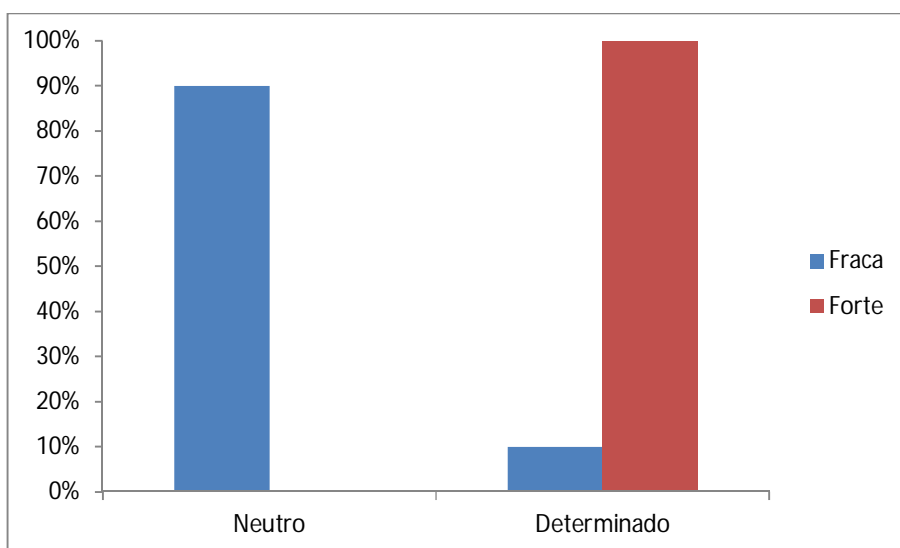


Gráfico 2 - Segunda ocorrência da palavra alvo em relação ao lugar da sinalização.

Outra análise importante foi a dos mecanismos de referência utilizados pelos sujeitos. Como discutido no capítulo 2, Libras apresenta diversos desses mecanismos, como, o sinal padrão, os classificadores, o apontamento e a mudança de lugar do corpo⁴⁰. Analisamos quais mecanismos foram utilizados na primeira e na segunda ocorrência dos definidos fortes e

⁴⁰ Ver na seção 2.2.1.

fracos. Para tal análise aplicamos outro teste de chi-quadrado, pois mais uma vez os dados foram categóricos.

Os resultados demonstraram que o definido fraco, tanto na primeira (χ^2 (16.1) df=1, $p < 0.0001$) quanto na segunda ocorrência (χ^2 (28.9) df = 1, $p < 0.000001$), é introduzido com o sinal padrão, sem sinal de correferência. Já o forte apresenta sinais de correferência. Enquanto a primeira ocorrência é predominantemente realizada por meio do sinal padrão (χ^2 (10.7) df = 1, $p < 0.001$), a segunda ocorrência é anafórica, sendo realizada por apontamento, classificadores e até mesmo o sinal padrão foi utilizado sem diferenças estatísticas significantes entre tais ocorrências (χ^2 (1.1) df = 2, $p > 0.5$).

Seguem dois gráficos com as porcentagens dos mecanismos utilizados da primeira (Gráfico 3) e segunda ocorrência (Gráfico 4) da palavra-alvo:

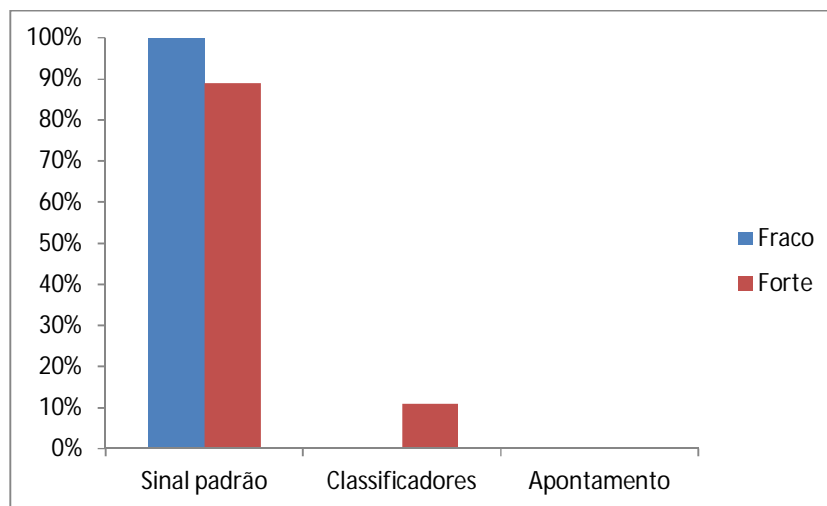


Gráfico 3 - Primeira ocorrência da palavra alvo em relação aos mecanismos de referência.

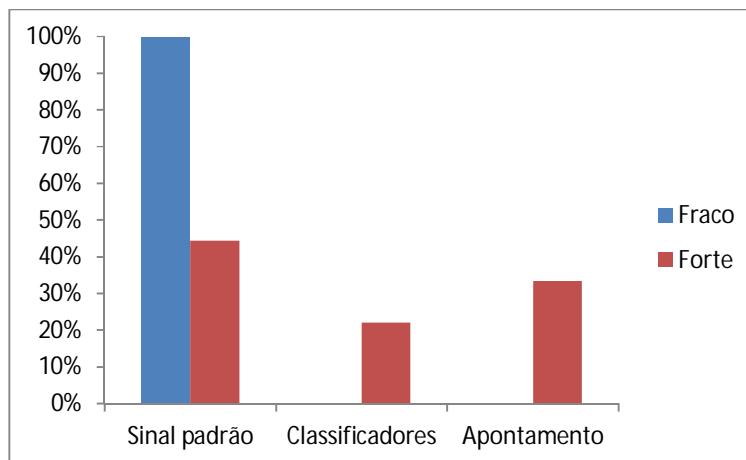


Gráfico 4 - Segunda ocorrência da palavra alvo em relação aos mecanismos de referência.

3.6 Discussão

Houve diferenças morfossintáticas entre definidos fracos e fortes. O fraco foi introduzido em um espaço neutro, à frente do falante, e não houve a correferência. Já o forte apresentou outro espaço de sinalização, à esquerda ou à direita do sinalizador e apresentou recursos correferenciais, como o apontamento e os classificadores.

Uma surpresa encontrada no experimento de produção foi o sinal padrão na segunda ocorrência do forte ocorrer tanto quanto o apontamento e os classificadores, diferenciando o processo de referência da Libras do de língua de sinais venezuelana (LSV), Oviedo (1996), e das línguas de sinais francesa (LSF), italiana (LIS) e americana (ASL), Pizzuto et al. (2008), descritos na subseção 2.2.2.

De acordo com o estudo de Oviedo (1996), a LSV não apresentaria a repetição do sinal padrão na retomada anafórica. Pizzuto et al. (2008) encontraram a repetição do sinal em LSF, LIS e ASL, mas como um mecanismo realizado em menor proporção.

A falta de diferença significativa entre a utilização do sinal padrão e os outros recursos de se realizar anáfora pode ser um traço da Libras que a distingue de outras línguas de sinais ou um reflexo de poucos dados obtidos. É um dado interessante para investigações futuras.

Neste trabalho, como o espaço neutro e o espaço determinado apareceram como uma evidência de diferenciação morfossintática entre fortes e fracos, resolvemos focar em tal distinção e testá-la na compreensão. Para confirmar se esses espaços são a marcação morfossintática que procurávamos para diferenciar fracos e fortes, realizamos um experimento de compreensão com os pares de sentenças do experimento anterior, mas dessa vez com um único sinalizador, que já realizava a integração das sentenças, utilizando os espaços neutro e determinado e sempre o sinal padrão. A descrição do experimento de compreensão encontra-se no próximo capítulo (capítulo 4).

4. Experimento de Compreensão

4.1 Objetivos

Neste experimento, testamos se a diferença espacial entre forte e fracos encontrada no experimento 1 gera interpretação consistentemente diferentes por parte dos sinalizadores de libras. O experimento de compreensão realizado foi baseado no de Klein et al (2009), descrito na subseção 1.3. Como vimos, nesse experimento, os autores realizaram um experimento em que os sujeitos deveriam manipular imagens de objetos em um quadro magnético de acordo com a compreensão do que foi sinalizado nas sentenças-estímulo.

Os sujeitos de Klein et al. ouviam textos que poderiam estar na condição fraca ou forte. Diante deles, havia um quadro magnético, com imagens dos referentes mencionados nas sentenças. Essas imagens foram impressas em papel imantado. Os sujeitos podiam, portanto, mover os ímãs do quadro para novas posições quando solicitado pelo experimentador.

No nosso experimento, os sujeitos deviam atribuir as figuras dos objetos aos personagens a qual tais objetos estavam ligados na sentença movendo o ímã correspondente para junto da imagem do personagem. Nas duas condições o quadro era composto, além dos personagens, por mais de uma imagem dos referentes. Uma interpretação unívoca e correferencial dos elementos deveria gerar a escolha de uma única imagem para representar o referente mencionado. Em contraste, uma interpretação fraca, isto é, sem unicidade, geraria mais atribuições de imagens diferentes para os referentes mencionados.

Se as interpretações do valor semântico dos referentes introduzidos em espaço neutro e determinado fossem consistentemente diferentes e correspondessem à distinção fraco-forte, teríamos uma forte evidência de que a diferença que encontramos na produção - isto é, a marcação de diferentes espaços para os dois tipos de definido - seria uma expressão morfossintática da distinção.

4.2 Materiais

Utilizamos sentenças baseadas nas do primeiro experimento. Algumas modificações foram realizadas. A primeira foi a substituição da palavra-alvo rádio, que como explicamos na seção 3.5, na condição fraca era realizada não como um nome, mas como uma ação.

Outra modificação na estrutura das sentenças foi a mudança dos sujeitos das orações. Neste experimento, os sujeitos das sentenças eram sempre dois famosos personagens de revistas em quadrinhos no Brasil: a Mônica e o Cebolinha. No primeiro experimento, os sujeitos da oração eram os sinalizadores, com um discurso em primeira pessoa. A escolha dos dois se deu ao fato de que tais personagens são conhecidos na comunidade surda e apresentam sinais que os identificam.

No primeiro experimento, um homem e uma mulher sinalizavam uma oração cada do par de sentenças e a integração das sentenças ficava a cargo do sujeito. Isso também foi mudado no experimento de compreensão, em que somente uma pessoa sinalizou o par de sentenças, realizando a integração entre elas. Dessa forma, o responsável pela sinalização realizou as palavras-alvo na condição definido forte como correferenciais: escolhemos como mecanismo o sinal padrão em espaço determinado. As sentenças na condição definido fraco, tiveram as palavras-alvo também sinalizadas por sinal padrão em espaço neutro em ambas as ocorrências.

Um exemplo das sentenças gravadas traduzidas para o português pode ser visto na, Tabela 14, abaixo, e a lista completa se encontra no Anexo 3.

Palavra-alvo	Definido fraco	Definido forte
<i>Janela</i>	Mônica sempre fecha <i>a janela</i> com medo de assalto. Cebolinha gosta de deixar <i>a janela</i> aberta quando viaja.	Mônica quebrou <i>a janela</i> . Cebolinha pagou alguém para consertar <i>a janela</i> .

Tabela 14 - Exemplo do estímulo experimental com a palavra alvo *janela*.

Além dos doze pares de sentenças experimentais, foram gravados doze pares de sentenças distratoras. Para todas as sentenças, foram preparados ímãs, que eram colocados em um quadro magnético de acordo com os referentes que mencionado em cada sentença. Dois desses referentes eram constantes: um ímã do Cebolinha e um da Mônica, sempre

sujeitos dos pares de sentença. Além desses, cada par de sentenças apresentava quatro ímãs com desenhos de objetos. Nas sentenças experimentais, dois ímãs eram não-relacionados às sentenças e os outros dois continham duas diferentes imagens relacionadas à palavra-alvo. A Figura 22, abaixo, é um exemplo dos ímãs relacionados à palavra-alvo *janela* tanto na condição forte quanto na fraca, exemplificada na Tabela 14.

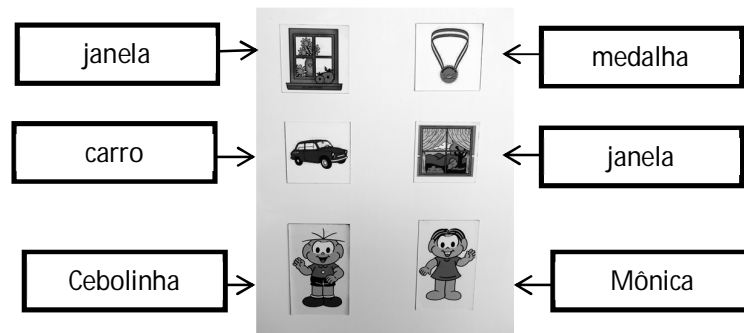


Figura 22- Exemplo dos ímãs relacionados à palavra-alvo *janela*.

Como podemos perceber na Figura 22, temos duas janelas, que seriam os ímãs relacionados às sentenças, um carro e uma medalha, que seriam ímãs não relacionados. Além disso, teríamos os sujeitos das sentenças: Mônica e Cebolinha.

Nas sentenças distratoras entre um e quatro ímãs poderiam ser relacionados aos sujeitos da sentença. Como nas sentenças alvo, havia sempre pelo menos dois pares de figuras de um mesmo referente, para evitar que as sentenças experimentais contrastassem com as sentenças experimentais. A Mônica e o Cebolinha também foram sujeitos das sentenças distratoras, portanto, estando presentes em todas as sentenças.

4.3 Sujeitos

Quatro surdos proficientes em Libras com idades entre 31 e 66 anos participaram voluntariamente do experimento, sendo um homem. Um dos sujeitos é filho de surdos e apresenta Libras como língua materna, primeira língua. Os outros aprenderam Libras entre 6 e 17 anos. Os participantes foram convidados seguindo sugestões do grupo de estudos de Libras da UFMG, que garantiu a proficiência dos participantes.

4.4 Procedimentos

Os pares de sentenças foram distribuídos em dois scripts, cada um com 12 pares de sentenças experimentais e 12 distratoras. A ordem da exibição dos pares de sentenças foi pré-aleatorizada e, durante o experimento a sequência de cada script era mantida. O experimento foi construído no *software* DMDX⁴¹. Como foi dito, cada par de sentenças era sinalizado em um vídeo com um homem, que narrava em terceira pessoa. Um importante controle foi que os sujeitos que viam uma palavra-alvo na condição forte, não a viam na condição fraca e vice-versa.

Antes de o experimento começar, os sujeitos assistiam ao TCLE⁴² gravado em Libras e eram instruídos sobre o procedimento que iriam realizar. Depois das instruções, passavam por um treinamento com três pares de sentenças semelhantes às distratoras. Durante e após o treinamento, os sujeitos poderiam esclarecer as dúvidas que tivessem sobre a tarefa e sobre o experimento. Após o treinamento, os sujeitos não poderiam interagir com os experimentadores que, diferentemente do experimento de produção, ficavam na sala para que os ímãs fossem trocados antes que novas sentenças fossem exibidas.

O programa DMDX apresentava as sentenças na tela de um computador a que os sujeitos deveriam assistir. Após assistir às sentenças, de acordo com o que compreenderam, os voluntários deveriam associar os ímãs aos personagens. Após acabarem a associação, eles deveriam levantar a mão, para que a troca dos ímãs referentes aos objetos fosse efetuada. Quando os novos ímãs estivessem em seus lugares, os sujeitos apertavam a barra de espaço do computador e uma nova sentença começava.

Abaixo, segue um esquema que explica o funcionamento do experimento:

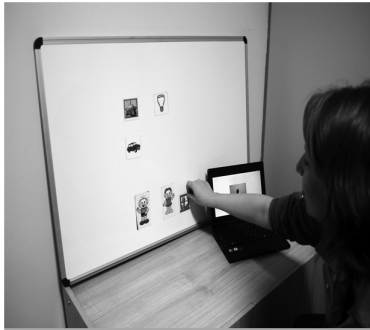
⁴¹ Disponível para download: <http://www.u.arizona.edu/~kforster/dmdx/dmdx.htm>.

⁴² Termo de consentimento livre e esclarecido.



Os sujeitos assistiam a 24 pares de sentenças (12 distratoras e 12 experimentais). Se o sujeito assiste uma determinada palavra-alvo na condição forte, ele não lhe assistia na condição fraca e vice-versa. O *snapshot* ao lado é da palavra-alvo *janela* na condição fraca.

Após assistir ao par de sentenças, os sujeitos moviam os ímãs atribuindo os objetos aos personagens, de acordo com o que compreendiam. Quando terminavam, eles levantavam a mão e a troca de ímãs para o próximo par de sentenças era realizada.



Como os definidos fortes apresentam a propriedade da unicidade, esperávamos que os sujeitos relacionassem a sentença a um único referente ou um único objeto. Como exemplo, a Figura 23, abaixo, ilustra o resultado esperado para a palavra-alvo *janela* no par de sentenças “Mônica quebrou *a janela*. Cebolinha pagou alguém para consertar *a janela*.”. A mesma janela seria atribuída para ambos os personagens, pois a janela que Mônica quebrou é necessariamente a mesma que Cebolinha consertou.

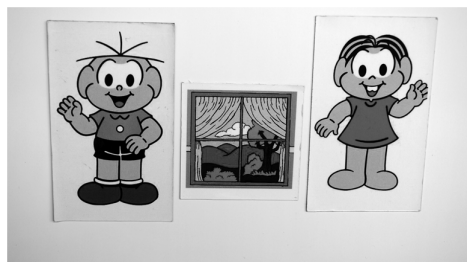


Figura 23 - Exemplo de resposta esperada para o par de sentenças com *janela* na condição forte.

Como o definido fraco não possui a propriedade de unicidade, esperávamos que os sujeitos relacionassem o par de sentenças com tal leitura a dois referentes, ou dois objetos. Um exemplo da resposta esperada é a Figura 24, abaixo, que ilustra a leitura fraca do NP definido *a janela* no par de sentenças “Mônica sempre fecha *a janela* com medo de assalto. Cebolinha gosta de deixar *a janela* aberta quando viaja.”. Cada personagem (Cebolinha e Mônica) recebe uma janela diferente, pois os sujeitos interpretam que as janelas mencionadas não são necessariamente as mesmas.

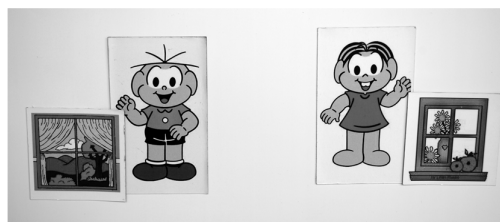


Figura 24 - Exemplo de resposta esperada para o par de sentenças com *janela* na condição fraca.

4.5 Resultados

Como no experimento anterior, os vídeos obtidos no experimento foram analisados com ajuda do software ELAN⁴³. Uma tela que exemplifica a análise realizada é apresentada na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**

⁴³ Download gratuito: <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>.

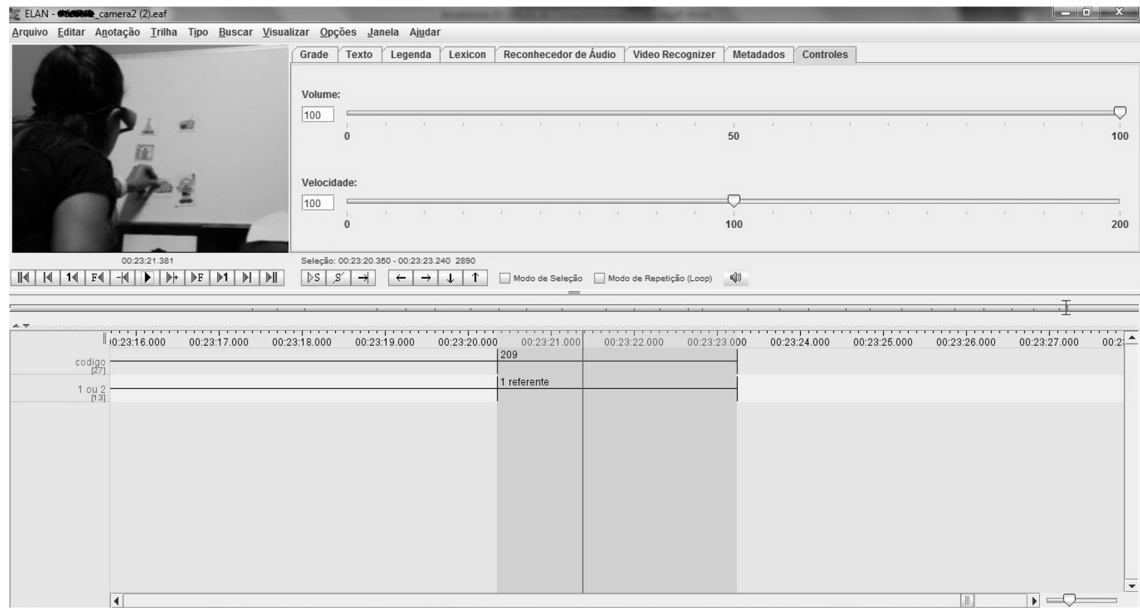


Figura 25 - Amostra da análise realizada. O sujeito atribuiu um único objeto à sentença assistida no momento do snapshot.

A codificação realizada para análise dos dados se deu a partir da resposta do sujeito: se uma, duas, ou mais figuras de objetos eram utilizadas para representar o que entenderam das sentenças a que assistiram. Somente uma ou duas figuras foram selecionadas nas sentenças-alvo.

Em nossos dados, encontramos uma diferença significativa na escolha de um ou dois referentes (uma ou duas figuras) entre a compreensão dos definidos fracos e fortes em Libras. As sentenças que apresentavam a palavra alvo na condição definido forte foram associadas a uma figura para representar os referentes de tais sentenças, demonstrando a interpretação de um único referente para as duas ocorrências ($\chi^2 = 4.1667$, $df = 1$, $p\text{-value} < 0.05$). Um exemplo de resposta atribuída à sentença com a palavra-alvo *janela* na condição forte é ilustrado na Figura 26.

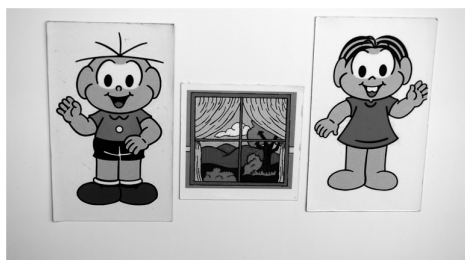


Figura 26 - Resposta encontrada com a expressão alvo a janela na condição definido forte.

Já nas sentenças que apresentavam a palavra alvo na condição fraca, os sujeitos apresentaram uma tendência a escolher duas diferentes figuras para cada ocorrência da palavra alvo ($\chi^2= 6$, $df = 1$, $p\text{-value} < 0.01$), revelando a falta das propriedades de unicidade e correferencialidade. Um exemplo de resposta atribuída à palavra-alvo *janela* na condição fraca é ilustrado na Figura 27.

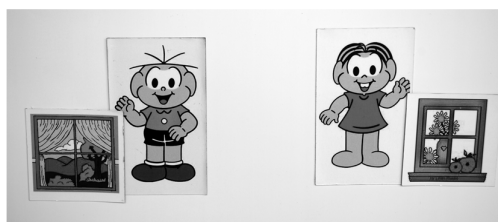


Figura 27 - Resposta encontrada com a expressão alvo a janela na condição definido fraco.

Segue o Gráfico 5, com os resultados de acordo com a ocorrência de escolha entre um ou dois referente nas condições fortes e fracas em porcentagem:

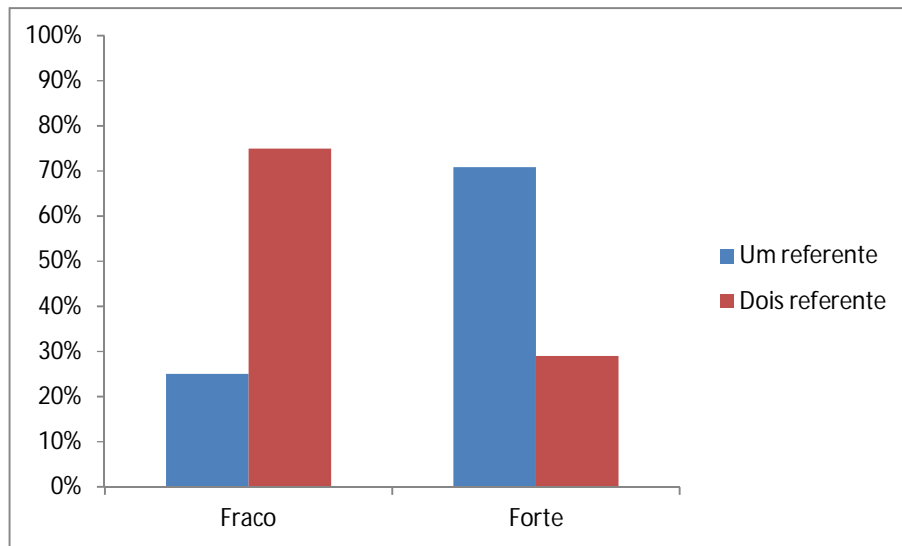


Gráfico 5 - Porcentagem de escolha de um ou dois referentes (objetos) de acordo com a condição fraca ou forte.

4.6 Discussão

Apresentamos dados significativos de que a sinalização da palavra-alvo em espaço neutro ou determinado apresenta diferenças à compreensão das sentenças. Definidos fortes, por apresentarem a propriedade da unidade, levaram os sujeitos a escolherem um único referente para os dois sinais padrão das sentenças, demonstrando que eles eram correferenciais pela marcação espacial.

Nos definidos fracos, nos quais não há a unicidade presente nos fortes, a escolha se deu a dois diferentes referentes, representados por dois ímãs, cada um com um objeto diferente. Cada ímã foi associado a um diferente personagem, demonstrando que mais de uma leitura referencial é possível nos fracos, que Mônica e Cebolinha exerciam ações sobre diferentes janelas graças à marcação espacial que a palavra-alvo recebeu.

Assim, podemos afirmar que a distinção morfossintática encontrada no experimento anterior traz diferenças na compreensão dos definidos fracos e definidos fortes.

5. Discussão Geral

Este trabalho tinha por objetivo encontrar distinções morfossintáticas entre os NPs definidos fracos e fortes em língua brasileira de sinais. Nossos resultados mostraram que há diferenças na produção de definidos fracos e fortes que correspondem a diferentes interpretações.

Libras demonstrou um claro mecanismo de distinção entre aquilo que em línguas orais são diferentes interpretações do definido da definitude dos NPs. Os definidos fracos foram sinalizados em um espaço que denominamos neutro, logo à frente do sinalizador. Os fortes ocorreram em um espaço diferente, que denominamos determinado, à esquerda ou à direita do sinalizador. O espaço marcou a diferença entre NPs definidos que apresentariam ou não a propriedade unicidade.

Tal distinção corresponde nitidamente a uma distinção entre uma interpretação unívoca e não unívoca da referência e corrobora a proposta original de Carlson e colegas: o que diferencia os dois tipos de definido é a propriedade da unicidade.

Há propostas que pretendem preservar a unicidade de definidos fracos, como a de Aguilar-Guevara e Zwartz (2010) e Schwarz (no prelo), atribuindo uma interpretação genérica a essas ocorrências. Essa é uma interpretação possível, que não foi totalmente descartada pelos experimentos apresentados nessa dissertação. Seriam, portanto, interessantes outros experimentos que comparassem o genérico singular definido, exemplo (40), com o definido fraco, exemplo (41).

(40) *O hospital é onde você deve ir quando está muito doente*

(41) *João foi ao hospital.*

Esse experimento é de difícil realização porque precisaríamos, em primeiro lugar, descrever a estrutura a qual corresponderia o genérico singular definido, se é que tal estrutura existe. Como uma observação não baseada em estudos rigorosos, e dessa forma, apenas

anedótica, observamos a realização do genérico apenas como plural em Libras, mas esse dado, como já afirmamos, carece de uma confirmação empírica posterior.

De qualquer forma, as distintas marcações encontradas aqui apontam para uma diferença de univocidade e para uma descrição que favorece a ideia de familiaridade como central para o fenômeno da definitude. Nosso experimento de produção evidencia que há diferentes interpretações em relação ao número de objetos selecionados de acordo com as mudanças morfossintáticas, confirmando o resultado encontrado por Klein et al. (2009) em inglês.

Quando introduzidos em espaço neutro, havia a possibilidade de leitura de referentes diferentes, evidenciada pela escolha de dois objetos no experimento de produção. Quando produzidos em espaço determinado, havia a correferência, evidenciada pela escolha de um único referente.

Em nosso entendimento, há a possibilidade da diferença espacial em Libras ser uma marcação de correferência, ou seja, substantivos que serão retomados são colocados nos espaços determinados. Já substantivos que não apresentarão correferência são introduzidos em espaço neutro. Se essa interpretação se revelasse correta, seria mais uma evidência de que a familiaridade é característica central dos definidos.

Para futuras investigações, além de análises que investigassem o posicionamento de Aguilar-Guevara e Zwarts (2010) e Schwarz (no prelo), seria interessante investigar mais profundamente o modo de introdução e retomada dos referentes fortes em Libras. Como descrito na subseção 2.2.2, Oviedo (1996:20) afirma que em língua de sinais venezuelana, o sinal do nome só é utilizado na primeira introdução. Na retomada, o sinalizador utiliza pronomes ou outros tipos de estratégias de referência, sem a repetição do nome. Em nossos dados, encontramos uma diversidade de retomadas, como classificadores, elipse e até a repetição do nome. Para que haja uma análise em que possamos perceber se tais formas ocorrem distributivamente, ou se há predominância entre alguma, é necessário que mais dados sejam obtidos. Assim, seria interessante que outros experimentos investigassem a ocorrência da repetição do nome em condições anafóricas em Libras.

Nossos dados são uma interessante fonte de descrição do processo referencial em Libras, que ainda é carente de pesquisas e descrições. Eles contribuem para uma maior e melhor compreensão sobre línguas de sinais, especialmente a brasileira. Até onde vai nosso conhecimento, essa foi a primeira vez que se estudou a distinção morfossintática entre fracos e fortes em uma língua de sinais; e é interessante ressaltar que uma distinção foi encontrada.

Esperamos que nossos resultados incentivem outros pesquisadores a tomarem a Libras e outras línguas de sinais como fonte de pesquisa muito promissora, que pode ajudar-nos a compreender questões sobre referência ao lado de uma enorme variedade de problemas linguísticos. Além disso, é muito importante que outros autores possam contribuir com descrições linguísticas consistentes e experimentais da Libras como meio para enriquecer a literatura atual sobre o assunto, portanto, ajudar a preencher as lacunas existentes e a comunidade surda a compreender como a sua língua funciona.

Referências Bibliográficas

- ABBOT, B. (2004). Definiteness and indefiniteness. In: L. R. Ward., *Handbook of Pragmatics* (pp. 122-149). Oxford: Blackwell.
- ABBOT, B. (2010). *Reference*. Oxford: Oxford University Press.
- AGUILAR-GUEVARA, A.; ZWARTS, J. (2010). Weak Definites and Reference to Kinds. In: N. a. In: LI, *Semantics and Linguistic Theory (SALT) 20* (pp. 179-196). Ithaca, NY: CLC Publications.
- ALMOR, A. (1999). Noun-Phrase Anaphora and Focus: The Informational Load Hypothesis. *Psychological Review*, 748-765.
- ALMOR, A.; SMITH, D.V.; BONILHA, L.; FRIDRIKSSON, J.; RORDEN, C. (2007). What is in a name? Spatial brain circuits are used to track discourse references. *NeuroReport*, 1215-1219.
- BAHAN, B.; KEGL, J.; MACLAUGHLIN, D.; NEIDLE, C. (1995). Convergent Evidence for the Structure of Determiner Phrases in. *VI Proceedings of the Sixth Annual Meeting of the Formal Linguistics Society* (pp. 01-12). Bloomington: Indiana University Linguistics Club.
- BERNARDINO, E. L. (1999). *A construção da referência por surdos na LIBRAS e no português escrito: a lógica no absurdo*. Belo Horizonte: UFMG. Dissertação de Mestrado.
- BERNARDINO, E. L. (2000). *Absurdo ou Lógica: os surdos e sua produção linguística*. Belo Horizonte: Ed. Profetizando Vida.
- BERNARDINO, E. L. (2012). O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n.19, 250-280.
- BEYSSADE, C. (Junho de 2012). *Weak Definites: between indefiniteness and genericity*. Acesso em setembro de 2012, disponível em Déterminants et Inférences: <http://determinants.free.fr/AtelierJuin2012/Conf-HO.pdf>
- CANÇADO, M. (2005). *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- CARLSON, G. (2003). Weak Indefinites. In: M. COENE, & Y. D'HULST, *From NP to DP: on the syntax and Pragmatics of Noun Phrases* (Vol. 1, pp. 195-210). ed. Benjamins.
- CARLSON, G. (2005). Generic Reference. In: K. BROWN (Ed.), *The Encyclopedia of Language and Linguistics* (Second ed.). Ed. Elsevier.

- CARLSON, G. (in press). Generics and concepts. In: F. J. Pelletier (Ed.), *Kinds, Things and Stuff*. Oxford: In the New Directions in Cognitive Science series.
- CARLSON, G., SUSSMAN, R., KLEIN, N. and TANEHAUS. (2006). Weak Definite Noun Phrases. In: A. R. C. Davis (Ed.), *Proceedings of NELS 36* (pp. 179-196). Amherst: GLSA.
- CARLSON, G.; PELLETIER, F.J. (1995). *The Generic Book*. Chicago: The University of Chicago Press.
- CARLSON, G.; SUSSMAN, R. S. (2005). Seemingly Indefinite Definites. In: S. Kepsar, & M. Reis (Eds.), *Linguistic Evidence*. Berlin: de Gruyter.
- CHIERCHIA, G. (2003). *Semântica*. Campinas: Editora Unicamp.
- COSTELLO, B., FERNADÉZ, J., LANDA, A. (2008). O sinalizante nativo não-(existente): pesquisa em língua de sinais em uma pequena população surda. *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais. TISLR9 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference. Florianópolis, 2006.* (pp. 340-355). Petrópolis: Editora Arara Azul.
- CUNHA-LIMA, M. (2004). *Indefinido, Anáfora e Construção Textual da Referência*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Tese de Doutorado.
- CUNHA-LIMA, M. L. (2008). Indefinidos e anáfora: experimentos de completção de oração. *Resumo do XXIII Encontro Nacional a ANPOLL*. Goiânia: UFG.
- EMMOREY, K. (2002). *Language, Cognition and the Brain: Insights From Sign Language Research*. Mahway: Lawrence Erlbaum Associates.
- FELIPE, T. A. (2009). *Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante*. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora.
- FERREIRA-BRITO, L. (1995). *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- FREGE, G. (1978). *Lógica e filosofia da linguagem; seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo.
- HEIM, I. (1982). The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases. In: J. HANKAMER, *Outstanding dissertations in Linguistics*. New York & London: Garland Publishing Inc.
- HEIM, I. (1982). The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases. In: J. HANKAMER, *Outstanding dissertations in Linguistics*. New York & London: Garland Publishing Inc.

- JÚNIOR, G. (2011). *Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira - foco no léxico*. Brasília: Dissertação desenvolvida na UNB.
- KING, J. C. (2010). *Anaphora*. Acesso em Dezembro de 2012, disponível em The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Spring 2010 Edition): <http://plato.stanford.edu/archives/spr2010/entries/anaphora/>
- KLEIN, N. M.; GEGG-HARRISON, W.M.; SUSSMAN, R.S.; TANENHAUS, M.K. (2009). Weak Definite Noun Phrases: Rich, But Not Strong, Special, But Not Unique. In: U. & SAUERLAND, *Semantics and pragmatics, from experiment to theory*. Palgrave Macmillan.
- NEIDLE, C.; KEGL, J.; MACLAUGHLIN, D.; BAHAN, B.; LEE, E.G. (2000). *The syntax of American sign language: functional categories and hierarchical structure*. Cambridge: The MIT Press.
- OVIEDO, A. (1996). *Contando Cuentos en Lengua de Senãs Venezuelana*. Mérida - Venezuela: Universidad de Los Andes Consejo de Publicaciones.
- PIZZUTO, E.A.; ROSSINI, P; SALLANDRE, M.; WILKINSON, E. (2008). Deixis, Anaphora and Highly Iconic Structures: Cross-linguistic Evidence on American (ASL), French (LSF) and Italian (LIS) Signed Languages. *Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future. TISLR9, forty five papers and three posters from the 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference, Florianópolis, Brazil, December 2006*. (pp. 475-495). Petrópolis: Arara Azul.
- QUADROS, R. M. (1999). *Phrase Structure of Brazilian Sign Language. Doctoral dissertation*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- ROBERTS, C. (2003). Uniqueness in definite noun phrases. *Linguistic and philosophy*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers.
- Runner, J.T., Sussman, R.S. & Tanenhaus, M.K. (2003). Assignment of reference to reflexives and pronouns in picture noun phrases: Evidence from eye movements. *Cognition*, 81, B1-13.
- RUSSELL, B. (Oct de 1905). On Denoting. *Mind, New Series, Vol. 14, No. 56.*, 479-493.
- RUSSELL, B. (1905). On Denoting. In: *Mind, New Series, 14*, pp. 479-493.
- SÁ, T. M. M. de.; SOUZA, G. L. de.; LIMA, M. L. da C.; BERNARDINO, E. L. A. (2012). Definiteness in Brazilian Sign Language: a study on weak and strong definites. *ReVEL*. v. 10, n. 19., pp. 21-38.
- SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. (2006). *Sign Language and Linguistic Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.

- SCHWARZ, F. (2009). *Two Types of Definites in Natural Language*. Fonte: Open Access Dissertations: http://scholarworks.umass.edu/open_access_dissertations/122
- SCHWARZ, F. (Revised draft, December 21 de 2012). How weak and how definite are Weak Definites? (in press). *Aceito para publicação em Weak Referenciality*.
- SPEAKS, J. (2011). *Theories of Meaning*. Acesso em Dezembro de 2012, disponível em The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2011 Edition): <http://plato.stanford.edu/archives/sum2011/entries/meaning/>
- STRAWSON, P. (Jul de 1950). On Referring. *Mind, New Series, Vol. 59, No. 235*, 320-344.
- STRAWSON, P. (1950). On Referring. *In: Mind, New Series, 59*, pp. 320-344.
- TANENHAUS, M.K.; SPIVEY-KNOWLTON, M.J.; EBERHARD, K.M.; SEDIVY, J.E. (1995). Integration of Visual and Linguistic Information in Spoken Language Comprehension. *Science, 268*, 1632-1634.

Apêndice

Anexo 01 – Listas de sentenças do experimento de completção

Neste anexo, foi colocado o código EXP no início das sentenças experimentais.

Lista 01

1. O médico foi mandado embora. Enquanto ele_____.
2. Eu fui pro Rio no fim de semana. Lá _____.
3. O carro já estava velho. Os freios_____.
- EXP 4. O prefeito proibiu caçar animais na roça. Eu _____.
5. Nunca perdi nada. Mas _____.
- EXP 6. Rita sempre fecha a janela com medo de assalto. Já João_____.
7. Outros países deveriam controlar a economia. Os países ricos _____.
- EXP 8. Cíntia consulta a agenda todos os dias. Ana_____.
9. As mulheres podem ter a mesma força dos homens. Elas_____.
10. Os bombeiros chegaram muito tarde. A casa_____.
11. O homem saiu no jornal. Ontem_____.
- EXP 12. A televisão dita regras, lança tendências. Sempre_____.
13. Muita gente não faltou do trabalho. Amanhã_____.
14. O barco saiu cedo do porto. Perdi _____.
15. As músicas ruins tocaram na festa. Eu_____.
16. Os empresários devem ter o maior aumento dos impostos. O governo _____.
- EXP 17. Os shoppings são decorados no Natal. Assim_____.
- EXP 18. Os pedreiros da reforma moram perto da escola. Amanhã_____.
19. Eu vou assistir à palestra do presidente. Minha mãe_____.
20. Minha amiga muito rica vai pra Alemanha. Lá_____.
- EXP 21. Eu adoro ouvir o rádio. Todo dia de manhã_____.

- EXP 22. Não vivo sem celular. Todo mundo _____.
23. Não gosto de tirar fotos. As fotos _____.
24. No domingo, meu primo foi pro parque. Meu pai _____.
25. Tenho um vizinho que gosta de música alta todo dia. Já _____.
- EXP 26. A prefeitura fechou o supermercado. Os clientes _____.
27. Bruno prefere o carnaval de BH, porque é mais tranquilo. Já Thiago _____.
28. O homem ficou em segundo lugar na corrida. Breno _____.
- EXP 29. Uma porta bonita deixa a casa bonita. A entrada _____.
30. O gato da minha tia fugiu. O cachorro _____.
- EXP 31. O diretor roubou todo o dinheiro do hospital. Ontem, _____.
32. Um restaurante explodiu porque o gás estava vazando. Contudo _____.
33. Eu trouxe o livro que Gabriel esqueceu. Depois _____.
- EXP 34. Eu gosto de ler o jornal de manhã. Rita _____.
35. Cuidado com o grupo de ladrões. Eles _____.
36. O presidente da CBF pediu demissão. Ele _____.

Lista 02

1. O homem saiu no jornal. Ontem _____.
2. Bruno prefere o carnaval de BH, porque é mais tranquilo. Já Thiago _____.
- EXP 3. Nunca vou morar na roça, gosto de cidade. Mas _____.
4. Nunca perdi nada. Mas _____.
5. O gato da minha tia fugiu. O cachorro _____.
- EXP 6. Os hospitais estão sempre cheios. Não _____.
- EXP 7. Minha mãe gosta de receber mensagem no celular. Meu pai _____.
8. O barco saiu cedo do porto. Perdi _____.
- EXP 9. Mariana checa a porta muitas vezes antes de sair. Eu _____.
10. Tenho um vizinho que gosta de música alta todo dia. Já _____.

11. O presidente da CBF pediu demissão. Ele_____.
12. As mulheres podem ter a mesma força dos homens. Elas_____.
- EXP 13. Supermercado é onde se faz compras. Os estoques_____.
- EXP 14. Rita pagou alguém para consertar a janela. Na semana seguinte_____.
- EXP 15. Eu peguei a agenda e levei para casa. Vera_____.
16. Eu vou assistir à palestra do presidente. Minha mãe_____.
17. Eu trouxe o livro que Gabriel esqueceu. Depois _____.
18. Os bombeiros chegaram muito tarde. A casa_____.
19. O homem ficou em segundo lugar na corrida. Breno _____.
20. Minha amiga muito rica vai pra Alemanha. Lá_____.
21. Outros países deveriam controlar a economia. Os países ricos_____.
22. O médico foi mandado embora. Enquanto ele_____.
- EXP 23. Livia não gostou de Apolo ter rasgado o jornal. Hoje, _____.
- EXP 24. Eu vi na televisão a enchente no Rio de Janeiro. Você_____.
25. Não gosto de tirar fotos. As fotos _____.
26. O carro já estava velho. Os freios_____.
27. Cuidado com o grupo de ladrões. Eles_____.
28. No domingo, meu primo foi pro parque. Meu pai_____.
29. Os empresários devem ter o maior aumento dos impostos. O governo _____.
- EXP 30. Sara vai ao shopping toda semana. Já Patrícia _____.
- EXP 31. Toda criança deve ir pra escola. Toda criança_____.
32. Muita gente não faltou do trabalho. Amanhã_____.
- EXP 33. Luana comprou o rádio. Maria_____.
34. Um restaurante explodiu porque o gás estava vazando. Contudo_____.
35. Eu fui pro Rio no fim de semana. Lá _____.
36. As músicas ruins tocaram na festa. Eu_____.

Lista 03

1. Eu fui pro Rio no fim de semana. Lá _____.
2. As músicas ruins tocaram na festa. Eu _____.
3. Minha amiga muito rica vai pra Alemanha. Ela _____.
- EXP 4. Livia precisava muito do celular pra trabalhar. Por isso, _____.
- EXP 5. Cíntia vai ao supermercado mais perto de casa. Sempre _____.
- EXP 6. Em uma casa não pode faltar janela. O vidro _____.
7. Eu vou assistir à palestra do presidente. Minha mãe _____.
8. O médico foi mandado embora. Enquanto ele _____.
9. Bruno prefere o carnaval de BH, porque é mais tranquilo. Já Thiago _____.
- EXP 10. Ricardo mandou pintar a porta. Águida _____.
- EXP 11. O rádio foi inventado na Itália. Assim, _____.
12. O gato da minha tia fugiu. O cachorro _____.
13. Tenho um vizinho que gosta de música alta todo dia. Já _____.
14. O homem ficou em segundo lugar na corrida. Breno _____.
15. No domingo, meu primo foi pro parque. Meu pai _____.
16. Um restaurante explodiu porque o gás estava vazando. Contudo _____.
17. O homem saiu no jornal. Depois _____.
18. O carro já estava velho. Os freios _____.
- EXP 19. Eu fiquei incomodado com o barulho da televisão. Ontem, _____.
20. Não gosto de tirar fotos. As fotos _____.
- EXP 21. Uma agenda nem sempre tem lugar para telefones. Dessa forma, _____.
22. Muita gente não faltou do trabalho. Amanhã _____.
- EXP 23. Eu achei que o shopping ficou lindo. Marina _____.
24. O presidente da CBF pediu demissão. Ele _____.
25. Os empresários devem ter o maior aumento dos impostos. O governo _____.
26. O barco saiu cedo do porto. Perdi _____.

27. Os bombeiros chegaram muito tarde. A casa _____.
28. Eu trouxe o livro que Gabriel esqueceu. Depois _____.
29. Outros países deveriam controlar a economia. Os países ricos _____.
- EXP 30. Os meus filhos vão para a escola ano que vem. Os filhos da Érica _____.
- EXP 31. Luíza mora na roça. Nas férias, _____.
32. As mulheres podem ter a mesma força dos homens. Elas _____.
- EXP 33. Jornal é vendido na banca. Nunca _____.
34. Cuidado com o grupo de ladrões. Eles _____.
- EXP 35. Meu pai foi ao hospital. Eu _____.
36. Nunca perdi nada. Mas _____.

Anexo 02 - Lista de sentenças do experimento de produção traduzidas para o português.

Experimentais:

As sentenças que começam com o número 1 estão na condição fraca, enquanto as que começam com 2 estão na condição forte e as que começam com 3 estão na condição genérica:

MULHER	101	Eu gosto de ler o jornal de manhã.	HOMEM	101	Eu gosto de ler o jornal depois do trabalho.
MULHER	201	Eu não gostei dele ter rasgado o jornal.	HOMEM	201	Hoje, eu rasguei o jornal.
MULHER	301	Jornal é vendido na banca.	HOMEM	301	O jornal é um ótimo guia para o cinema.
MULHER	102	Eu adoro ouvir o rádio.	HOMEM	102	Todo dia de manhã, eu escuto o rádio.
MULHER	202	Eu comprei o rádio.	HOMEM	202	Eu quebrei o rádio.
MULHER	302	O rádio foi inventado na Itália.	HOMEM	302	O rádio foi inventado por um cientista.
MULHER	103	Eu sempre fecho a janela com medo de assalto.	HOMEM	103	Eu gosto de deixar a janela aberta quando viajo.
MULHER	203	Eu paguei alguém para consertar a janela.	HOMEM	203	Eu quebrei a janela.
MULHER	303	Em uma casa não pode faltar janela.	HOMEM	303	Janela é feita de vidro.
MULHER	104	Eu consulto a agenda todos os dias.	HOMEM	104	Eu consulto a agenda antes de marcar uma festa.
MULHER	204	Eu peguei a agenda e levei para casa.	HOMEM	204	Eu ganhei a agenda de brinde.
MULHER	304	Uma agenda nem sempre tem lugar para telefones.	HOMEM	304	Agenda nem sempre é de papel.
MULHER	105	Eu gosto de receber sms no celular.	HOMEM	105	Eu odeio receber sms no celular.
MULHER	205	Eu precisava muito do celular pra trabalhar.	HOMEM	205	Eu consertei o celular.
MULHER	305	Não vivo sem celular.	HOMEM	305	Todo mundo que conheço tem celular.
MULHER	106	Eu checo a porta muitas vezes antes de sair.	HOMEM	106	Eu sempre tranco a porta antes de sair.
MULHER	206	Eu pintei a porta de vermelho.	HOMEM	206	Eu mandei a mulher pintar a porta.
MULHER	306	Uma porta bonita deixa a casa bonita.	HOMEM	306	A entrada da casa é a porta.
MULHER	107	Eu vou ao shopping toda semana.	HOMEM	107	Eu detesto passear no shopping.
MULHER	207	Eu achei que o shopping ficou lindo.	HOMEM	207	Eu enfeitei o shopping para o Natal.
MULHER	307	Os shoppings são decorados no Natal.	HOMEM	307	Os shoppings vedem mais do que as feiras.
MULHER	108	Eu também vi na televisão a enchente.	HOMEM	108	Eu vi na televisão a enchente no Rio de Janeiro.
MULHER	208	Eu fiquei incomodado com o barulho da televisão.	HOMEM	208	Ontem, eu assisti à televisão até tarde.
MULHER	308	A televisão dita regras, lança tendências.	HOMEM	308	Todo mundo gosta de TV.
MULHER	109	Meu pai foi ao hospital.	HOMEM	109	Eu passei mal e fui para o hospital.

MULHER	209	O diretor roubou todo o dinheiro do hospital.	HOMEM	209	Ontem, o governo anunciou que vai fechar o hospital.
MULHER	309	Os hospitais estão sempre cheios.	HOMEM	309	Não gosto de hospital.
MULHER	110	Os meus filhos vão para a escola ano que vem.	HOMEM	110	Meus filhos já vão para a escola este ano.
MULHER	210	Os pedreiros da reforma moram perto da escola.	HOMEM	210	A reforma da escola começa amanhã.
MULHER	310	Toda criança deve ir pra escola.	HOMEM	310	Toda criança deve ter acesso à escola.
MULHER	111	Eu moro na roça.	HOMEM	111	Nas férias, eu sempre vou para a roça.
MULHER	211	O prefeito proibiu caçar animais na roça.	HOMEM	211	Eu vi uma onça na roça.
MULHER	311	Na roça tem poucos hospitais.	HOMEM	311	Na roça tem poucas escolas.
MULHER	112	Eu vou ao supermercado mais perto de casa.	HOMEM	112	Eu procuro sempre as ofertas do supermercado.
MULHER	212	A prefeitura fechou o supermercado.	HOMEM	212	Os clientes iam ao supermercado e achavam sujo.
MULHER	312	Supermercado é onde se faz compras.	HOMEM	312	Os supermercados têm estoques bem grandes.

Distratoras:

MULHER	801	Meu sinal “mulher”.
HOMEM	801	Meu sinal “homem”.
MULHER	802	As mulheres são mais fracas que os homens.
HOMEM	802	As mulheres podem ter a mesma força dos homens.
MULHER	803	Um restaurante explodiu porque o gás estava vazando.
HOMEM	803	Ontem, teve uma explosão horrível no Rio.
MULHER	804	Música alta vizinho.
HOMEM	804	Tenho um vizinho que gosta de música alta todo dia.
MULHER	805	Outros países deveriam controlar a economia.
HOMEM	805	Os países ricos estão em crise.
MULHER	806	Nunca perdi nada.
HOMEM	806	Perdi minha carteira na faculdade.
MULHER	807	O carro já estava velho.
HOMEM	807	Os freios do meu carro aqueceram muito.
MULHER	808	Não gosto de tirar fotos.

HOMEM	808	As fotos da festa ficaram ótimas.
MULHER	809	O barco saiu cedo do porto.
HOMEM	809	Perdi minha viagem de barco.
MULHER	810	Os empresários devem ter o maior aumento dos impostos.
HOMEM	810	O governo aumentou os impostos 50%.
MULHER	811	Eu fui pro Rio no fim de semana.
HOMEM	811	Eu vou pro Rio este fim de semana.
MULHER	812	Cuidado com o grupo de ladrões, são perigosos.
HOMEM	812	Meu pai foi assaltado ontem em São Paulo.
MULHER	813	Eu vou assistir a palestra do presidente.
HOMEM	813	Eu vou à palestra do presidente.
MULHER	814	Minha amiga muito rica vai pra Alemanha.
HOMEM	814	A Alemanha tem os hotéis mais caros do mundo.
MULHER	815	Eu prefiro o carnaval de BH, porque é mais tranquilo.
HOMEM	815	O carnaval em BH é muito ruim.
MULHER	816	Muita gente não faltou do trabalho.
HOMEM	816	Várias pessoas faltaram no trabalho para ir ao show.
MULHER	817	No sorvete da pastoral não tinha ninguém
HOMEM	817	No truco da associação, tinha muitas pessoas.
MULHER	818	No domingo, meu primo foi pro parque.
HOMEM	818	Meu pai gosta mesmo é de parque.
MULHER	819	O médico foi mandado embora.
HOMEM	819	Enquanto um médico atendia os pacientes, o outro médico não fazia nada.
MULHER	820	O gato da minha tia fugiu.
HOMEM	820	O cachorro da minha tia fugiu ontem.
MULHER	821	Os bombeiros chegaram muito tarde.

HOMEM	821	A casa foi totalmente destruída após um incêndio.
MULHER	822	Meu irmão saiu no jornal.
HOMEM	822	Meu irmão fez uma casa
MULHER	823	Meu amigo ficou em segundo lugar na corrida.
HOMEM	823	Meu amigo ficou em primeiro lugar na corrida de fórmula 1.
MULHER	824	Eu trouxe o livro que o homem esqueceu.
HOMEM	824	Esqueci o livro na mesa quando saí.

Anexo 03 – Lista de sentenças do experimento de compreensão traduzidas para o português

Experimentais:

As sentenças que começam com o número 1 estão na condição fraca, enquanto as que começam com 2 estão na condição forte:

- 101 Mônica leu no jornal que ia chover. Cebolinha leu no jornal que a chuva ia ser forte.
- 201 Mônica rasgou o jornal. Cebolinha não gostou dela ter rasgado o jornal.
- 102 Cebolinha foi ao banco hoje. Mônica também foi ao banco hoje.
- 202 Cebolinha participou da greve do banco. Mônica ficou com raiva da greve do banco.
- 103 Mônica sempre fecha a janela com medo de assalto. Cebolinha gosta de deixar a janela aberta quando viaja.
- 203 Mônica quebrou a janela. Cebolinha pagou alguém para consertar a janela.
- 104 Cebolinha consulta a agenda todos os dias. Mônica consulta a agenda antes de marcar uma festa.
- 204 Cebolinha ganhou a agenda de brinde. Mônica pegou a agenda e levou para casa.
- 105 Mônica gosta de receber sms no celular. Cebolinha odeia receber sms no celular.
- 205 Mônica precisava muito do celular pra trabalhar. Cebolinha consertou o celular.
- 106 Cebolinha checa a porta muitas vezes antes de sair. Mônica sempre esquece a porta aberta.
- 206 Cebolinha mandou Mônica pintar a porta. Mônica pintou a porta de vermelho.
- 107 Mônica vai ao shopping toda semana. Cebolinha nunca vai ao shopping.

207 Mônica enfeitou o shopping para o Natal. Cebolinha achou que o shopping ficou lindo.

108 Cebolinha viu na televisão a notícia da enchente. Mônica também viu na televisão a enchente no Rio de Janeiro.

208 Cebolinha derramou refrigerante na televisão. Mônica limpou a televisão

109 Mônica foi ao hospital. Cebolinha visitou um amigo no hospital.

209 Mônica foi mal atendida no hospital. Cebolinha também foi mal atendido no hospital.

110 O Cebolinha já foi pra escola este ano. A Mônica vai pra escola ano que vem.

210 Cebolinha mora perto da escola. Mônica também mora perto da escola.

111 Mônica mora na roça. Nas férias, Cebolinha sempre vai para a roça.

211 Mônica viu uma onça na roça. Cebolinha também viu uma onça na roça.

112 Cebolinha vai ao supermercado mais perto de casa. Mônica procura sempre as ofertas do supermercado.

212 Cebolinha ia ao supermercado e o achava sujo. Mônica soube que a prefeitura fechou o supermercado.

Distratoras:

801 A Mônica tem um coelho. O Cebolinha gosta de roubar o coelho da Mônica.

802 O Cebolinha é amigo do Cascão. A Mônica é amiga da Magali.

803 A Mônica gosta de comer melancia. O Cebolinha sempre tem uma sombrinha porque tem medo de se molhar.

804 A Mônica gosta de escutar música. O Cebolinha gosta de dançar.

805 O Cebolinha perdeu sua carteira. A Mônica perdeu sua bolsa.

806 O carro do Cebolinha estragou. O Cebolinha ajudou a empurrar.

- 807 A Mônica gosta de tirar fotos. A Mônica tira foto todo dia.
- 808 O Cebolinha brincou de barco. A Mônica brincou de barco no lago.
- 809 Mônica foi pro Rio no fim de semana passado. Cebolinha vai pro Rio fds que vem.
- 810 Cebolinha gosta de carnaval. Mônica também gosta de carnaval.
- 811 Mônica colocou o termômetro e viu que estava com febre ontem. Cebolinha trouxe remédio para ela.
- 812 Cebolinha foi ao festival de sorvete. Mônica foi ao festival de truco.
- 813 Mônica foi ao parque brincar. Cebolinha também foi ao parque brincar.
- 814 Cebolinha foi ao médico. Mônica foi tomar injeção.
- 815 Mônica tem um gato. Cebolinha tem um porco.
- 816 Cebolinha venceu a corrida do bairro e ganhou um troféu. Mônica ficou em segundo e ganhou uma medalha.
- 817 Mônica trouxe o livro do Cebolinha. Cebolinha esqueceu o livro na escola.
- 818 Mônica comprou um bolo. Cebolinha quis um pedaço.
- 819 Cebolinha pegou a melancia da Mônica. Mônica comprou outra.
- 820 Cebolinha queria brincar de carrinho com Mônica. Mônica queria brincar de barquinho com Cebolinha.
- 821 Mônica tentou molhar Cebolinha com um balde. Cebolinha fugiu do balde.
- 822 Mônica comeu uma pizza sozinha. Cebolinha comeu um pedaço.
- 823 Cebolinha comprou uma bola. Mônica comprou uma boneca.
- 824 Mônica tem muitos livros. Cebolinha tem muitos livros também.